

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci1710unse>



# Revista Internacional do Espiritismo

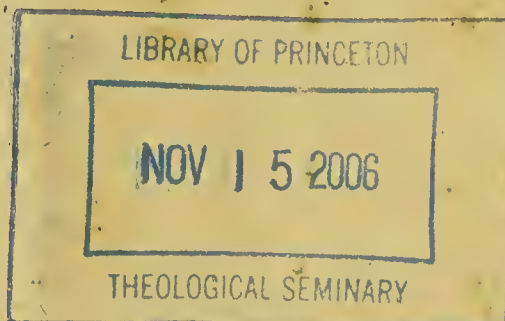
LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

## SUMÁRIO

- O Anjo do Livramento
- A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações transcendentais»
- As leis da natureza
- O Espiritismo em face da Ciência
- Durante o Sono
- Psicologia Animal
- Trinta anos entre os mortos
- A ação dos passes magnéticos
- Provas da Sobrevivência
- Analisando factos
- O Facto o Converteu
- Sessão de efeitos físicos
- Crônica Estrangeira
- Espiritismo no Brasil



Uma Foto Espírita













# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301    Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

## O ANJO DO LIVRAMENTO



ada ente humano pertencente a qualquer religião ou casta social, deve passar pela grande aventura.

Durante milênios, o homem tem mostrado o horror que lhe infunde o transe inevitável e no dia que a tradição consagrou aos mortos, os cemitérios se enchem de gente coberta de pesado luto e todos se comportam como se os entes amados cujos corpos ali jazem, estivessem para sempre extintos, como se a sepultura fosse o fim, o ponto final da jornada da vida. Não obstante a «gloriosa esperança de imortalidade», que o Cristianismo oferece ao mundo, é certo haver maior derrame de lágrimas em *campos santos* do que em qualquer outro ponto da terra, e a tristeza ainda continua a ser a companheira inseparável da morte.

Em torno da morte a humanidade teceu uma teia inextricável de superstições e as religiões tradicionais, em lugar de lançarem um pouco de luz sobre seu significado, ainda mais a denegriram, afirmando ser ela a consequência da transgressão de certa lei divina, data que não vai além de 6.000 anos, sendo certo casual len-dário, o transgressor. De modo que a

morte é uma punição, uma maldição, que foi incidir sobre a descendência desses hipotéticos progenitores, tornando-a responsável por um delito não cometido!

Hoje sabemos que a morte não é mais aquela coisa temerosa que transforma os homens em duendes condenados ou anjos glorificados. Graças ao Espiritismo, sabemos ser a morte um processo natural e necessário á evolução.

Vejamos o que nos ensina o Espiritismo :

Enquanto incarnados, são dois os nossos corpos; físico um, aquele que percebemos com os nossos sentidos; psíquico, ou perispiritual o outro, aquele que não podemos perceber com nossos órgãos físicos. Esses dois corpos se interpenetram, sendo, porém, o perispírito o permanente, o indestrutível. Este jamais envelhece; isto sómente sucede ao instrumento do espírito, ao corpo material que se arruina. Abandonado na ocasião da morte, por imprestável, o envoltório físico, continuamos a existir, revestidos desse corpo espiritual, mas livres das restrições peculiares ao que é material, tornando-se as nossas faculdades mais claras e mais rápidos os nossos movimentos.



Com a morte nada perdemos do que tem valor real, continuamos a ser o que eramos antes, quanto á forma e ao aspecto, ao pensamento e á ação. O físico, a cobertura, está continuamente a gastar-se e a ser renovado, o que é mais uma prova da existência de uma estrutura permanente a que a matéria física se agrega. O nosso corpo espiritual ou perispírito é, a todos os respeitos, uma duplicata do nosso corpo físico, excetuando decrepitude, mutilação, etc. Em suma, êle nada mais é do que a cobertura do perispírito, o instrumento por meio do qual o espírito age sôbre a matéria, durante a passagem pela terra. Ao morrer abandonamos uma veste imprestável e que nos constrangia, mas continuamos a agir numa indumentária nova e mais brilhante, afinada ao ambiente em que prossegue a nossa evolução.

O mundo para o qual estamos de jornada parecer-nos-á natural e familiar. Inúmeras descrições da vida e condições provindas do mundo espiritual confirmam esta conclusão. Possuimos grande cópia de comunicações, obtidas por meio de várias fases mediúnicas, todas elas concordantes, em que as entidades afirmam ser homens e mulheres que aquí viveram. Reproduzimos, a seguir, uma comunicação do gênero, recebida pelo célebre jornalista inglês, W. S. Stead, ditada pelo espírito de Julia Ames, intitulada «Depois da Morte». Mr. Stead foi poderoso médium psicográfico.

«Quando morremos, opera-se uma mundança. Não senti choque, nenhuma sensação, a não ser o despertar de um sono profundo e encontrei-me em perfeito gôzo de saúde. Foi esta a minha experiência, a de extrema felicidade. E' isto o que geralmente acontece a todos. A passagem se verifica de modos diversos. A grande generalidade desperta sem sofrimentos e as primeiras impressões são as de repouso, liberdade e paz. Os mortos — sinto empregar esta palavra enganosa — quando a passagem é repentina, não notam diferença alguma. Outros acreditam numa cura repentina. A dôr física desaparece com a veste, com o corpo que fica

para trás; despertamos sentindo grande bem-estar e nossa primeira sensação e a do regosijo, exatamente do mesmo modo quando despertamos de um sonho mau e descobrimos ter sido sómente um pesadelo.

Tão simples, tão natural, tudo se nos afigura de tal modo, que ordinariamente ignoramos o que realmente aconteceu. E' esta a experiência comum. Muitos repelem a idéia de terem morrido. Naturalmente, é certo não termos morrido. Continuamos de posse de todas as nossas faculdades: enxergamos, ouvimos, locomovemo-nos de um para outro lugar. Tudo nos parece ser o mesmo, como o era antes. Sentimos uma espécie de choque quando muito depressa nos inteiramos do que se passou. — Então, a morte é sómente isto? Se assim é, a morte nada tem de extraordinario! — Tudo é tão diferente do que imaginávamos. Pensamos que a vida, a nossa vida terrestre, termina com a morte do corpo. Aquí aprendemos que o curto instante passado no corpo terrestre, apenas é uma fase do grande ciclo da existência. Nós continuamos. Nunca paramos. Dormimos ocasionalmente, mas despertamos sempre.

Quando o homem morre, êle accorda conciente de ser o mesmo homem, não um sêr transformado. Continua a ser o mesmo indivíduo. A natureza não dá saltos. Se assim não fosse, perderíamos a nossa identidade...»

Ao lado de uma sepultura aberta, todos nós deveríamos dizer que não vivemos sómente neste insignificante planeta. Espera-nos, depois da morte, um mundo de maiores possibilidades.

Quando soar o último momento da nossa vida terrestre, não pensemos que imergimos do crepúsculo, mas que um sol maior vai iluminar-nos além da sepultura. Aceitemos a morte como aceitamos o sôno, sabendo que a manhã segue-se á noite.

Agora sabemos que a morte é melhor do que a vida, pois a morte sómente é o nome que deram á porta pela qual entramos, para alcançar outra fase de nossa existência em um mundo que é melhor, mais feliz e mais fácil á vida. A morte não é o



colapso da vida, mas uma mudança necessária em uma eterna jornada. Sabemos, hoje, que a vida terrestre com seus clarões e sombras, suas lutas e angústias, poucas alegrias e muitas lágrimas, suas corôas e espinhos, suas glórias e seus gólgotas, é unicamente uma preparação, uma escola, pela qual todos nós devemos passar, para aprender a lição da vida.

Em conclusão, a morte revelou-se, não como um inimigo da humanidade, mas como um anjo libertador que guia o peregrino exausto e gas

to pelas lides do dia, através da quietude de ligeiro sono, para a luz de uma nova e eterna manhã. Efetivamente, «tragada foi a morte na vitória», não por meio de textos, credos, artigos de fé ou esperança eterna, porém, pela inestimável comunhão com os que passaram pelo transe e retornaram para assegurar-nos que a morte é a entrada da Vida Eterna.

«Oh, mors, ubi victoria tua?» —  
Onde está ó morte, a tua vitória?  
Onde está, ó morte, o teu aguilhão?  
Tragada foi a morte na vitória».

---

## A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

---

«La Revue Spirite»

Prof. E. BOZZANO

Sempre pensei que, em todos os ramos do saber, as discussões amistosas entre autores e seus críticos, são instrutivas e desejáveis; bem entendido quando se trata, não de pequenas questões pessoais, mas de retificações e de contestações objetivando problemas de natureza científica. Com efeito, os debates desta natureza permitem submeter aos leitores o pró e o contra referentes á interpretação dum grupo de factos, ou da explicação duma hipótese; o que serve para projetar nova luz sôbre questões complexas e contestadas.

Encontro no *Boletim da Sociedade de Estudos Psíquicos de Marselha*, um artigo de M. Jean d'Ossau, presidente da sociedade em questão.

Esse artigo se intitula: *A hipótese espírita e sua prova crucial?* — O ponto de interrogação colocado no fim do título já está a indicar a natureza das objeções que se salientam no texto; de facto fazem-me observações a respeito de algumas de minhas observações relativamente ás provas de identificação espírita, afirmações contidas num estudo que publiquei nesta mesma revista, sob o título: *Discussões amigáveis com meus críticos*.

Jean d'Ossau começa por uma observação que, não obstante subs-

tancialmente exata, necessita de um esclarecimento; ei-lo:

... o sr. Bozzano se esforça por demonstrar que a *prova crucial* da hipótese espírita resulta das materializações clássicas, tais, por exemplo, como as fantasmas ectoplásmicos de Katie King e de Estelle Livermoore, obtidas em plena luz e com todas as garantias possíveis de identidade e de contrôlo.

Ora, é verdade que declarei estar inteiramente de acôrdo com um eminente fisiologista italiano que me escreveu que os casos clássicos de Katie King, Estelle Livermoore e de Nepenthes bastavam, por si sós, para demonstrar a existência e a sobrevivência da alma. Todavia, não desejo que se tome á letra a significação que J. d'Ossau atribue ás minhas palavras, isto é, que «a prova crucial» da hipótese espírita resulte das materializações clássicas *como se ela não ressaltasse senão destas*. O meu crítico deveria dizer, a meu ver, que a prova da sobrevivência *já ressaltava duma maneira evidente e suficiente* dos três casos clássicos de materialização em apreço.

Em outros termos: não quero que se olvide que a êste respeito constantemente sustentei uma grande



verdade de proporção bem mais extensa: é que a demonstração científica, ou, se o preferirem a «prova crucial» da existência e da sobrevivência da alma ressalta clara e incontestavelmente de todo o conjunto das manifestações metapsíquicas — tanto das anímicas como das espíritas — que convergem como para um centro para a confirmar pelos factos.

Isto dito, apresso-me a observar a meu crítico que, se eu afirmei que os três casos clássicos, que acabo de enumerar, podem bastar, por si sós, para demonstrar a existência e sobrevivência da alma, tive o cuidado de ajuntar que esta verdade emergiria dêsses casos sómente «sob a condição de serem os relatórios que os conteem, lidos e analisados atentamente por investigadores isentos das habituais prevenções que obscurecem as faculdades da razão».

Ora, conquanto eu reconheça ser o meu crítico um perquiridor sereno e isento de preconceito (exceção talvez um temor excessivo de se iludir) necessário é reconhecer, entretanto, que, nessa ocasião, êle não se ateuve à regra que acabo de indicar, segundo a qual êle deveria reler e pesar as narrações e as considerações que expús, tendo em conta todos os elementos psíquicos emergentes dos factos, para, em seguida, examinar êsses elementos em seu conjunto, e somente então pronunciar julgamento. Ao contrário, êle se limita a tocar de modo geral nas hipóteses da «protopopése», a «idioplastia» combinadas em conjunto, deixando de tomar em consideração os elementos psíquicos particulares dos casos em discussão; elementos que são os únicos a serem essenciais para pronunciar um julgamento com conhecimento de causa. Nestas condições, é natural que êle houvesse sido levado a colocar o problema nos seguintes termos *dubitativos*:

Mas a questão é saber se essas personalidades efêmeras que se movem, agem, falam e escrevem são modeladas pelo médium no estado subconciente, imitando individualidades dele conhecidas (ou desconhecidas, mas cujos elementos êle tiraria no psiquismo dos as-

sistentes), ou se elas são devidas a um dinamismo psíquico independente, exterior e inteligente, da espécie de Espíritos de desincarnados que a nós se manifestam e criam, êles mesmos, formas à sua semelhança, mais ou menos grande para nos convencer de sua sobrevivência.

Uma vez posta nêstes termos a questão, Jean d'Ossau pende decididamente para a primeira interpretação, segundo a qual o único agente seria «o médium em estado subconciente, que imita individualidades dêle conhecidas».

Na longa e laboriosa análise que fiz de casos dos quais nos ocupamos, em meu livro: *A propósito da introdução à Metapsíquica humana*, eu dissequei e comentei as numerosas circunstâncias reais que, nêsses casos, contribuíram para demonstrar a independência psíquica das três personalidades mediúnicas materializadas. Ora, confesso sinceramente que experimento um sentimento de decepção e de desânimo ao constatar que M. Jean d'Ossau não dá consideração a nenhum dos argumentos que desenvolvi, sem mesmo preocupar-se de me demonstrar que nie enganei. Vejo-me, pois, obrigado a lembrar-lhe, em resumo, alguns dêsses argumentos essenciais.

Antes de tudo, a propósito de Katie King, citei o episódio teoricamente muito importante em que o fantasma materializado, desperta a médium e com ela começa a conversar; eu o comentei nos termos seguintes:

No maravilhoso episódio acima encontramos reunidas as melhores provas que a ciência tem o direito de exigir para admitir a independência psíquica de uma personalidade mediúnica. Isto é, de um lado, a forma materializada visível com a médium; de outro lado, a circunstância, psicologicamente decisiva de duas individualidades desdistintas, ambas de posse das suas faculdades concientes, se entreterem afetuosamente, trocando, emocionadas, o último adeus. Como falar seriamente, diante de provas semelhantes, de «protopopése — metagnômia»? Quem seriamente poderia imaginar que as duas



metades duma mesma personalidade tenham o poder de desdobrar-se e de transformar-se em duas individualidades completas, independentes, munidas de traços intelectuais característicos e cada uma a seu modo? Quem ousaria sustentar que a personalidade subconsciente da médium, exteriorizando-se e materializando-se, possa transformar-se, como por encanto, em uma personalidade que completamente ignora pertencer a essa outra metade da «vida dela mesma» que está diante dela, e que dentro dessa inconcebível ignorância, também partilhada fatalmente pela outra metade, possam as duas infelizes secções da mesma alma, ambas deploravelmente iludidas, ser levadas a se imaginarem, não se sabe bem por que recondito mistério da prosopopése, na iminência de uma separação definitiva, ao ponto de trocarem frases afetuosas e palavras comoventes de despedida?

Repitamô-lo com o Prof. Hyslop: «Não se pode marcar limites à credulidade de quem é capaz de sustentar seriamente semelhante interpretação dos factos».

Depois do que, completei essa demonstração sobre a impossibilidade psicológica de admitir um desdobramento psíquico em semelhantes circunstâncias, fazendo observar que, ao conversarem entre si, o fantasma materializado e a médium tinham mostrado que as duas personalidades tinham *simultaneamente* exercido os centros corticais da inervação da lin-

guagem, assim como os centros corticais de elaboração dos sentimentos afetivos. Isso provava que os assistentes se achavam em face de uma *duplicação* de centros e de faculdades psíquicas; facto que não é explicável pela prosopopése. Com efeito, no caso de «personalidades alternantes» de origem patológica, sempre se constatou que as faculdades psíquicas e psicológicas empregadas em um dado momento por uma dessas personalidades, faltavam à outra — facto que aliás se podia facilmente prever *a priori*.

Tais eram as minhas argumentações essenciais relativamente ao primeiro caso em questão. E a êste respeito, farei notar ao meu crítico que minhas argumentações não são elucubrações gratuitas e, menos ainda, abstrações filosóficas; são deduções rigorosamente científicas, psicologicamente incontestáveis e inconciliáveis com a teoria da «prosopopése — metagnômia». Elas são, pois, decisivas em favor da origem extrínseca à médium, da personalidade inteligente que animava o fantasma ectoplásmico de Katie King. Ninguém se apresentou para refutar minhas argumentações, e ninguém conseguirá refutá-las apoiando-se sobre os postulados da psicologia oficial. Segue-se que, até prova em contrário, o fantasma de Katie King deve ser considerado psicologicamente independênte da médium.

(Continua).

## As Leis da Natureza

*As leis da natureza regem o movimento dos átomos nos seres vivos, como nos inorgânicos: a mesma molécula passa sucessivamente do mineral ao vegetal e ao animal, nelas encorporando-se, segundo as leis que organizam tôdas as coisas.*

*A molécula do ácido carbónico a exalar-se do peito do moribundo em seu leito de dor, vai ligar-se à flor do jardim, á relva do prado, ao tronco da floresta. A molécula de oxigênio que se desprende dos últimos ramos do anoso carvalho, vai ligar-se ao cabelinho louro do recém-nascido, no seu berço de sonhos. Nada podemos modificar na composição dos corpos. Nada nasce, nada morre. Só a forma é perecível. Só a substância é imortal. Constituímo-nos da poeira dos antepassados, os mesmíssimos átomos e moléculas. Nada se cria, nada se perde. Uma vela que ardeu completamente, deixa de existir aos olhos do vulgo e nem por isso deixará de existir integralmente. Se lhe recolhemos as substâncias consumidas, reconstituíla-íamos com o seu pêso anterior.*

Camille Flammarion.



# O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXVII —

## O Espiritismo e a Ciência Materialista

Simplemente interessante, o negativismo da ciência materialista a respeito dos fenômenos espíritas! Meteu-se-lhe no bestunto que «a razão é irreconciliável com a fé» e... acabou-se! Qualquer doutrina que se lhe apresente sancionando outra força e outra inteligência afora a inteligência e a força imanentes da matéria; afora a força e a inteligência de sua ciência mesma, não lhe merece fé. Por isso que os «sábios» materialistas vão julgando os fenômenos espíritas como delírios episódicos «recalcamentos psicanalíticos e outras complicações, de nomes difíceis, como verdadeira calamidade atual». Pelo menos, cá no Rio de Janeiro, e sem nada conhecerem de Espiritismo! Nem precisa, que o Espiritismo é assunto sobre o qual toda gente emite *opinião abalizada*, sem nunca, às vezes, lhe ter aberto uma só obra! Se o conhecesse, religiosa e filosoficamente, científica e experimentalmente, veria, para logo, nenhuma irreconciliação existe mais, com o seu advento, entre a Razão e a Fé. Veria, antes do mais, que, á luz do Espiritismo, «a fé só é digna deste nome, quando se alicerça na razão.»

A irreconciliação da Ciência com a Religião nasce do erro mesmo em que se tem considerado a Religião, e a Ciência, que, juntas nasceram e juntas terão de viver, para a felicidade humana. Ousamos, até, afirmar que a Ciência por si mesma, como, por si mesma, a Religião, não será capaz de fazer o homem feliz. A Ciência tem de ser religiosa, como a Religião, científica, se se quiserem acreditar perante todas as consciências para a realidade daquilo para que ambas existem. Acontece, porém, que as religiões só se tem alicerçado na fé, baseando-a mais em dogmas humanos do que na observação e nos factos, a enxertá-la de mistérios e milagres que não resistem á menor análise. Por isso que, de quantos combatem, hoje, a fé religiosa, a maioria absoluta vem do catecismo romano, das concepções bíblicas. Renan e Voltaire

quasi chegaram a padres. Do mesmo jeito, a Ciência que, dentro da estreiteza do testemunho do que vê, apenas; do que lhe cai, sómente, sob a análise dos sentidos materiais, vai negando tudo que lhe foge, ainda, a compreensão, que lhe não impressiona os sentidos materiais. Nega tudo, esquecida que ha verdades impossíveis de serem demonstradas materialmente. E' o que nô-lo diz Augusto Comte, na sua FILOSOFIA POSITIVA, dêste jeito: «ha verdades que precisamos sentí-las antes de compreendê-las.» O abono é insuspeitissimo, por ser de um ateu, príncipe do materialismo científico. Deus e o Espírito são bem verdades assim. Por isso que de Deus, afirmou Flammarion que, se êle não existisse, seria mister inventá-lo. A respeito do Espírito, só nega, hoje, sua existência quem, agarrado, apenas, ao testemunho grosseiro dos sentidos e das concepções materialistas, ainda não o estudou, ainda não o quis conhecê-lo, ainda não o perquiriu.

Sóbe, já, a centenas o número de sábios e cientistas de verdade que dão testemunho, decorrente de criteriosissima experimentação, a favor da imortalidade. E, aqueles que, estudando os factos, negam o Espírito, encontram-se sem saída, dentro de sua ciência. Foi bem êste o caso do grande Charles Richet, no seu TRATADO DE METAPSÍQUICA. Observou os factos, sem poder explicá-los e sem aceitar a tese espírita. Não estava, ainda, na época de sua iluminação para tanto, visto como todos nós temos, no dizer de Robert Hyslop, um momento para a iluminação das coisas.

E terá, ademais, a ciência materialista, como aí a vemos, autoridade para negar, em nome de seus cânones, o Espírito? Nem por termos a Ciência como força propulsora da evolução e do progresso; por termô-la na conta de um dos bens maiores que Deus concede ao homem, deixamos de confessar que não! Não, porque a mesma ciência que nega a existência do Espírito, tem se negado a si mesma, a contradizer-se, em todas as épocas. Em nome dela, quantos sábios e



cientistas teem afirmado e negado, simultaneamente, aquilo que outros cientistas e sábios negaram e afirmaram! Galvani escreveu que, com a descoberta da electricidade, teve de contender com duas espécies de desafetos: os ignorantes e os cientistas como êle. Esta espécie bem pior do que a outra. Em nome da Ciência, achava Ptolomeu «era um absurdo a Terra girar sôbre si mesma». Lavoisier escreveu, a propósito dos bólidos, que «não caíam pedras do Céu. Babinet achava, em plena sessão do Instituto de França, que «era impossível um telegrama atravessar o Atlântico». Houve quem, astrônomo, e em nome da astronomia, afirmasse que «o sol não tinha manchas.» O dr. Bouillaud, presidente da Academia de Ciências de Paris, quasi que, em nome de seus pares e da Ciência, estrangula o mensageiro de Edison que ali exhibia o primeiro fonógrafo, essa máquina sonóra, hoje bem sedição, em desuso. Paul Gibier conheceu cientistas contemporâneos e até discípulos do grande Pasteur, que não acreditavam na existência do micróbio. Beamont afirmara, em nome da Antropologia e da Paleontologia, que «o homem fóssil nunca será encontrado». Colegas de Janer negavam, em nome da ciência, validade á vacina. «A electricidade não produz contorções nas rãs», afirmavam os adversários, em nome da Ciência, de Galvani». Hervey foi apontado como louco, por «cientistas», assim que estudou a circulação do sangue...

Basta, por agora, de exemplos...

O homem, ainda o mais sábio, maximé da sabedoria materialista, participa, ainda, mais da animalidade do que da intelligência. Por isso que Oliver Lodge escreveu que «nós somos muito limitados no nosso modo de conceber o Universo, porque somos constrangidos a viver nes-

te planeta com o sentido derivado dos brutos, que não podem fazer grande coisa sôbre o Universo».

Pouco sabe e nada póde, quasi, a ciência humana! Só no campo da destruição do próprio homem é que parece ter evoluido mais. Donde, sábios e cientistas realizarem inventos admiráveis de guerra, sem terem, entretanto, intelligência e capacidade para inventar o mais simples manual da felicidade. Ou para compreendê-lo e sentí-lo, porque êle, o manual da felicidade mais completo e perfeito aí está: o Evangelho de Jesus!

Se a Ciência pouco sabe e póde a dentro de seus próprios domínios, muito menos a respeito do que ainda não examinou, nem estudou. Escreveu Faraday que «com o que desconhecemos das leis universais, poder-se-ia crear um mundo». Um só? perguntamos nós, sem ciência nenhuma.

O Espiritismo, que é ciência purissima, e das mais belas, e das mais úteis, porque ciência da alma, não pede outra coisa a seus negadores, sinão que o estudem, que o investiguem, que o experimentem. Quanto mais não seja, para que seus negadores não deem — a despeito de todos os seus títulos de sabedorias e capacidades — o grandissimo atestado de ignorância, má fé e leviandade, que é sempre o que escapa de suas algarvias científicas sôbre o Espiritismo. Nada ha no Espiritismo que justifique o impossível, «palavra que deve desaparecer dos dicionários», escreveu Flamarion. E «um sábio que ri do possível — é de Vitor Hugo — está perto de ser um idiota».

Está perto de ser uma lastimável legião de idiotas, aquele que, sem sabedoria alguma, anda por aí a rir-se do possível, por andar rindo à custa da Ciência Espirita.

---

*A doutrina espírita tem um trabalho sumamente importante a realizar na reconstituição espiritual do mundo. Não vem, como um novo dogma, a impôr a crença na immortalidade do espírito, por simples profissão de fé, nem a oferecer-se aos homens livres com os mesmos argumentos das religiões. O seu ideal é uma força dinâmica que engrandecê e desperta as forças morais e espirituais do homem, pela demonstração tangível da existência do espírito e sua evolução criadora pelas vidas sucessivas.*

HUMBERTO MARIOTTI.



# Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— X —

OS hábitos tradicionais da vida planetária crearam diversas formalidades e etiquetas adotadas entre a sociedade elegante como entre a burguezia na permuta das suas relações.

Assim é que usamos, por exemplo, quando pretendíamos fazer uma visita e não encontramos a pessoa em casa, deixar em baixo da porta ou com pessoa da família o cartão de visita com uma das pontas dobrada. Se sabemos do aniversário de alguém mandamos-lhe as saudações em carta ou telegrama. Quando falece um amigo torna-se reparado não levarmos a corôa de flores para cobrir-lhe o feretro na ocasião do acompanhamento ao campo-santo. E á hora da missa do sétimo dia é de praxe assinar o nome na lista dos presentes ao ato. No último dia do ano todos os que estamos empregados em qualquer lugar, antes de sair do trabalho, apertamos as mãos dos companheiros desejando-lhes boas saidas, e boas festas e no primeiro dia do ano seguinte repetimos o aperto de mão augurando a todos um Ano Bom com as maiores prosperidades, desejando aos amigos com quem esbarramos pelas ruas que tivessem tido boas saidas e melhores entradas, quando não lhes mandamos pelo correio um cartão com êsses votos.

Estas formalidades a denunciarem sentimentos íntimos, é óbvio que nem sempre traduzem a sinceridade, não passando de pre-

conceitos respeitáveis com que douremos a face exterior da vida para não sermos mal vistos pelos outros. Mas são coisas da terra e naturalmente ficarão na terra.

Entretanto, voltando a referir-me à sonambula de Belo Horizonte, de uma feita em que lhe ordenei fôsse ver o que havíamos realizado na noite anterior, sendo a de 31 de Dezembro, respondeu-me que tínhamos estado juntos com os nossos amigos do espaço, havendo eu lhes transmitido os votos de bons anos tal como o faria na terra com os viventes daqui. Dispersado o grupo fiquei a sós com o Espírito de minha progenitora, que me disse : Bem, meu filho, vai trabalhar, a confirmar a noção de que lá não perdemos tempo com palavras vãs, mas aproveitamos todos os minutos disponíveis.

Êste comentário encerra estas considerações: Será que na vida espiritual continuemos a seguir os hábitos sociais da terra?

A resposta deve ser não, de vez que na vida real não tem guarida os preconceitos vãos de merecimento como êsse de desejar bons anos onde o tempo não tem medida regulada pelo calendário.

Naturalmente, porque eu ainda sou da terra, tive naquela hora êsse gesto de amizade para com os meus amigos do Além, que talvez sorrissem pela minha simplicidade. Mas, felizmente, bem viram todos quanto eram sinceros os meus



votos uma vez que podiam ler no meu fôro íntimo a minha lealdade de sentimentos. De mais, os invisíveis ouvem constantemente as nossas preces amigas por êles, não carecendo deixar-lhes o nosso cartão de visita nem mandar-lhes telegramas de saudações para sabermos que os estimamos de todo o coração.

Essa a grande vantagem na outra vida; não continuarem por lá as incertezas da sinceridade, não ter lugar a hipocrisia, ficarem isolados os falsos e os mentirosos.

E desde que êsses padeçam as decepções, que puderam ser evitadas neste orbe, acabarão por se arrependem, envergonhados do triste papel aquí representado durante o prazo da sua permanência

entre gente sincera da qual se distanciaram nos exemplos.

Os hábitos sociais podem, portanto, ser mantidos, devendo traduzirem sinceridade em quem os segue. Na maioria das vezes êles testemunham interêsse egoístico quando os aplicamos especialmente para com quem nos possa beneficiar ou de quem esperamos receber algum favor.

Isso é ainda da terra, e em nada aproveita a quem aprendeu que nada ha a esperar da terra senão decepções.

Todos os atos de exterioridade são falso verniz com que se pretende encobrir a parte carunchosa do nosso organismo moral, lembrando a hipérbole de Jesus Cristo: Sepulcros branqueados por fora, mas por dentro contendo podridão.

# Psicologia Animal

## O Burro "Canário"

Com as mais contraditórias opiniões, a imprensa e diversas estações emissoras do país veem se ocupando largamente de um caso tão interessante quão complicado. Trata-se do burro «Canário», nascido em Ouro Branco, município de Jardim de Seridó, Rio Grande do Norte, contando 10 anos de idade e de propriedade do sr. Libanio Mendes.

Êste solípede faz operações de aritmética, responde com as patas as perguntas que se lhe faz, entende geografia e faz outras coisas igualmente surpreendentes, independentes de perguntas.

«Canário» encontra-se atualmente na Capital da Republica, onde está exibindo com o maior êxito, as suas «faculdades intelectuais». As pessoas que entabulam conversações com «Canário» ficam embasbacadas

com as suas respostas e, na falta de melhor explicação para o complicado caso, limitam-se a dizer que trata-se de um fenômeno, de um mistério impenetrável.

Êsse, porém, não é o primeiro caso que se registra com as mesmas características.

Em 1904 ouviu-se falar pela primeira vez dos cavalos calculadores de von Osten, Hans I e Hans II. Hans I aprendeu o alemão, sendo-lhe assim fácil aprender muita coisa. Hans II sabia contar, calcular, soletrar e ler, e conhecia as notas, as moedas, as cartas de jogar, posição dos ponteiros de um relógio, etc.

Von Osten faleceu em 1909, deixando o seu cavalo ao seu amigo e aluno Krall, que começou a fazer experiências sôbre os sentidos do animal, ensinando-lhe muitas coisas.



Krall, aconselhado por alguns hipólogos resolveu adquirir cavalos novos, cujo adexramento seria mais fácil e comprou dois cavalos árabes Muhamed e Zarif, o primeiro de dois anos e o segundo de dois anos e meio.

Êstes cavalos, depois de ensinados, faziam operações aritméticas, leitura, etc., causando verdadeiro pasmo aos curiosos e sábios.

Entretanto, êstes animais, desde o princípio manifestaram aptidões diferentes: Muhamed tinha uma inteligência muito viva e aberta para os cálculos, ao passo que Zarif era tardio para compreender.

Outro caso típico refere-se a «Zou», o «cão sábio» de Mme. Borderieux, que «lia e conversava» com as patas, por sinais convenencionados, o que despertou a curiosidade de personalidades de destaque, ás quais «Zou» concedia «entrevistas» a miude.

Um outro caso não menos importante é o que publicou o «Diário de Notícias» da capital do país. Trata-se de um cachorro pertencente á sra. Nilda M. Senhart, dos Estados Unidos, o qual pronuncia algumas palavras.

Médicos especialistas da laringe estudaram o fenômeno no intuito de descobrir algo que resolvesse o complicado caso, mas nada descobriram.

O cão prodígio chama-se «Brownie» e aos que o examinavam êle falou: «Olá! Como passam os senhores?»; e dirigindo-se á sua dona, disse: «Gosto de ti»—«Desejo ver minha mãe».

Dêsses factos deduz-se que os animais são dotados de certas faculdades, tais como: a atenção, o julgamento, o raciocínio, a associação de idéias, a memória e a imaginação. E

como todo o efeito inteligente tem que ter forçosamente uma causa inteligente, e como essa causa não pode ser outra senão a alma, concluese que os animais teem alma, a qual, conforme Gabriel Delanne em sua monumental obra «A Evolução Anímica», é da mesma natureza da alma humana, exceto o grau de desenvolvimento.

Como succede com os homens, entre os animais as aptidões são diferentes, uns aprendem com mais fa-



«ZOU» E FLAMMARION

cidade do que outros, o que prova a sua evolução em graus diferentes, isto é, a evolução da alma. Zarif, por exemplo era tardio para compreender, o mesmo não sucedendo com Muhamed, que aprendia as lições com relativa facilidade.

Vê-se, portanto, que a alma animal não é dotada sómente de instinto, mas também de faculdades morais e intellectuais, dependendo o desenvolvimento dêssas faculdades dos



ensinos que se ministrar aos animais.

Com relação ao cão «Brownie», que pronunciou algumas palavras, é interessante o facto de terem os laringologistas procurado a solução do fenómeno na garganta do animal. Se conhecessem a teoria espírita saberiam que êsse fenómeno, semelhante ao produzido pela besta de Balaão, tem por causa a «voz directa», tanto mais que os animais são ainda dotados de excelentes faculdades mediúnicas.

O caso do burro «Canário», que tanto alarde vem causando nas rodas profanas, não é, portanto, um caso único no gênero. Ele é a confirmação de factos anteriores que enriquecem os anais espíritas. E' ainda o testemunho inegável e flagrante de que a ciência materialista é impotente para explicar tais fenómenos, que entretanto são explicados com lógica e argumentos irrefutáveis pelo Espiritismo, a ciência da alma.

Dêsse facto ressaltam dois pontos fundamentais : 1.º, os animais tem alma ; 2.º que a alma animal é dotada de faculdades intelectuais que podem se desenvolver de acôrdo com o que fôr ensinado ao animal.

Certamente, os mal intencionados e orgulhosos de sua sabedoria terrena, com o fim de desviarem a

verdade, poderão dizer que o caso do burro «Canário» é um efeito de telepatia, transmissão de pensamento. Mas acontece que êsse solípede faz coisas que arredam de vez essa hipótese. Ainda mesmo que certos trabalhos seus possam ser considerados sob influência telepática, essa influencia só pode produzir efeito entre dois seres pensantes, portanto entre duas almas, e neste caso o burro «Canário» appareceria como paciente. Isto quer dizer que de uma ou de outra forma, a alma animal é patente e não pode ser negada, a menos que incorramos no risco de conspirar contra a obra de Deus, contra a Verdade.

«Canário», nome que nos faz lembrar um belo e irrequieto canário a chilrear maviosamente entre as grades de uma gaiola, como que saudando a Natureza, «canta» com as suas pesadas patas um hino á justiça e ao amor de Deus, que creou todos os seres, racionais e irracionais, para a Imortalidade e suprema perfeição através da evolução, enquanto que os homens, metidos no seu orgulho de sabedoria, blasfemam contra Deus e negam a alma e a Imortalidade, tendo como simples brincadeira os bellos e sagrados fenómenos, quais os produzidos por «Canário», o solípede «inteligente».

## Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Kloris Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Serve de illustração o caso da Sra. Burton, uma clari-audiente e paciente que estava constantemente repelindo espíritos perturbadores e que, quando frequentava o nosso círculo, foi aliviada de suas indesejáveis companhias. Nas seguintes notas, a conversação com os espíritos, através da médium Sra. Wickland, mostrará os característicos de várias entidades.

Espírito: Carrie Huntington — Paciente: Sra. Burton.

Médico — Dizei-nos quem sois.

Espírito — Não quero que me segurarem as mãos.

Méd.—Ficai, então, socegada.

Esp. Porque me tratais desta forma?

Méd.—Quem sois?

Esp. Porque o quereis saber?

Méd.—Vieste aquí como estranho e gostaríamos de saber quem sois.

Esp.—Porque estais tão interessado nisto?

Méd.—Estimariamos saber com quem estamos lidando. Se um estranho fôr a vossa casa, não desejarias saber-lhe o nome?



Esp.—Não quero ficar aqui e não conheço nenhum de vós. Alguem me empurrou para aqui e eu penso que isto não está direito. E quando eu entrei e sentei-me na cadeira, segurastes-me as mãos como se eu fôsse um prisioneiro. Porque fui empurrada para aqui? (Incorporado na médium, pelos guias).

Méd.—Provavelmente estais no escuro.

Esp.—Parece-me que alguém me segurou à fôrça.

Méd.—Houve alguma razão para isto?

Esp.—Não sei de nenhuma razão para isto e não vejo porque devo ser incomodada dessa forma.

Méd.—Não lhe foi dada nenhuma explicação pelo facto de ter sido tratada assim?

Esp.—Passei um máu quarto de hora. Tenho sido atormentada de forma mortal. Fui empurrada aqui e em toda a parte. Provocaram-me tanto que eu tive vontade de dar em todos uma boa surra.

Méd.—Que vos fizeram?

Esp.—Uma coisa terrível. Perambulou de modo miserável e não sei o que é. A's vezes parece que os meus sentidos me foram arrancados. Algo cai sobre mim como trovão e relâmpago (Tratamento eléctrico aplicado na enferma). Faz um grande barulho, esta coisa horrível. Não posso ficar aqui de forma alguma!

Méd.—Ficamos satisfeitos em saber que não quereis ficar.

Esp.—Não sou benvinda? Si não sou, não me incomodo.

Méd.—Não, sois muito exigente.

Esp.—Tenho padecido muito.

Méd.—Ha quanto tempo morrestes?

Esp.—Porque me falais assim? Eu não estou morta. Estou tão viva como nunca e me sinto, jovem, de novo.

Méd.—Não vos pareceu, algumas vezes, que ereis outra pessoa?

Esp.—E' certo que, ás vezes, sinto uma coisa estranha, especialmente quando me batem até eu ficar sem sentidos. Fico muito doente e não vejo porque esteja sujeita a semelhante tormento, nem porque suportar tais coisas.

Méd.—Provavelmente é necessário.

Esp.—Creio que tenho o direito de ir aonde me agradar mas me parece que já não tenho a minha vontade própria. Procuro isto porém parece que alguém toma posse de mim e leva-me a algum lu-

gar onde me batem até eu ficar quasi sem sentidos. Se eu soubesse, eu nunca iria ali porque ali ha uma pessoa que parece ter o direito de levar-me a todo o lugar que quer, porém eu sinto que sou eu mesma quem a deveria levar. (Referindo-se á paciente).

Méd.—Que quereis com ela? Não podeis viver a vossa própria vida?

Esp.—Eu vivo a minha própria vida, porém ela se intromete comigo. Falo-lhe e ela quer expulsar-me. Sinto como se a repelisse e trava-se uma verdadeira luta. Não vejo porque não deva ter o mesmo direito que ela.

Méd.—Provavelmente sois vós que vos intrometeis na vida dela.

Esp. Ela quer livrar-se de mim. Eu não a incomodo, apenas lhe falo algumas vezes.

Méd. Ela sabe que lhe falais?

Esp.—A's vezes sabe e então me repele. Ela se porta bem, porém se indigna de modo exagerado. Então quando ela vem a êste lugar, eu acabo ficando sem sentidos e soffro horrivelmente. Não tenho fôrças para levá-la e ela me faz sair.

Méd.—Sendo assim, não deverieis andar ao seu redor.

Esp.—O corpo é meu e não dela. Ela não tem nenhum direito. Não vejo porque ela se intromete comigo.

Méd.—Ela não se conforma com o seu egoismo.

Esp.—Parece-me que eu tenho algum direito á vida. Assim penso.

Méd.—Morrestes e ainda não comprehendestes o facto e tendes estado importunando uma senhora. Deverieis ir para o mundo espiritual e não errar pela Terra.

Esp.—Dizeis que eu estou errando pela Terra. Eu não estou perambulando ao acaso nem me intrometendo com ninguém, porém eu tenho algo a dizer.

Méd.—Foi por isto que recebestes «trovões» e «descargas».

Esp.—Eu o suporrei durante certo tempo, porém ultimamente era horrível. Preciso de uma explicação.

Méd.—Agora a tereis.

Esp.—Quero fazer qualquer coisa afim de parar com êsses terriveis choques.

A Sra. B.—(Reconhecendo o espirito como um que a estivera importunando) Estou cansada de vós. Quem sois?

Esp. Sou uma estranha.



Sra. B. — Qual é o vosso nome ?

Esp. — Meu nome é Carrie.

Sra. B. — Carrie de que ?

Esp. — Carrie Huntington.

Sra. B. — Onde morais ?

Esp. — Em San Antonio, no Texas.

Sra. B. — Tivestes muitos anos comigo, não foi ? (Havia muitos anos que a Sra. B. deixara de morar em San Antonio).

Esp. — Fostes vós que estivestes muitos anos comigo. Gostaria de saber porque se intrometestes comigo. Agora, eu a estou reconhecendo.

Sra. B. — Em que rua morastes ?

Esp. — Morei em diversos lugares.

Méd. — Já verificastes que perdestes o vosso corpo ? Podeis lembrar-vos si estivestes enfêrma ?

Esp. — A última vez foi em El Paso. Não me lembro de nada depois disto. Fui para êsse lugar e não me lembro quando sai dali. Creio que devia ainda ali encontrar-me. Certo dia fiquei muito doente.

Méd. — Provavelmente, então morrestes.

Esp. — Depois de El Paso não sei para onde fui.

Viajei certa distância por trem e parecia que eu não era ninguém. Ninguém me perguntava nada e eu fui obrigada a seguir esta senhora (a Sra. B.) como si eu fosse sua criada e eu me sentia muito aborrecida com isto.

Sra. B. — Incomodaveis-me horrivelmente porque cantaveis todo o tempo.

Esp. — Eu tinha que fazer qualquer coisa para chamar a vossa atenção porque não querieis atender-me de outra forma. Viajastes de trem e levaste-me para longe do meu lar e eu me sentia muito aborrecida. Compreendes agora ?

Sra. B. — Compreendo-vos melhor do que me compreendeis a mim.

Méd. — Não podeis compreender o que vos aconteceu ?

Esp. — Desejo dizer-vos que eu não quero saber dos tais choques. Eu me afastarei.

Méd. — Compreendei a vossa situação, realizai que sois um espírito ignorante, que perdestes o vosso corpo físico. Morrestes provavelmente quando estivestes doente.

Esp. — Podeis falar com um fantasma ?

Méd. — Tal coisa certamente acontece.

Esp. — Eu não sou nenhum fantasma porque os fantasmas não podem falar. Quando se morre se jáz no túmulo.

Méd. — Quando se morre o corpo fica na sepultura mas não o espírito.

Esp. — Que volta para Deus que o deu.

Méd. — Onde está Êle ? Onde está êsse Deus ?

Esp. — No Céu.

Méd. — Onde fica êsse ?

Esp. — E' o lugar onde se encontra Jesus.

Méd. — A Bíblia diz : «Deus é Amor, onde mora o Amor mora Deus.» Onde encontrarieis êsse Deus ?

Esp. — Suponho que no Céu. Nada lhe posso dizer a respeito, porém posso adiantar-vos que me collocaste no pior dos infernos com aqueles choques. Não gosto nada deles.

Méd. — Deveis, então, afastar-vos desta senhora.

Esp. — Vejo-a bem agora e posso ter uma boa conversa com ela.

Méd. — Sim, porém será pela última vez.

Esp. — Como sabeis disto ?

Méd. — Porque, quando partirdes, ficareis sabendo que estivestes falando por meio do corpo de uma outra pessoa. Esta pessoa é minha esposa.

Esp. — Que asneira ! Eu pensei que fosseis mais instruido para não falardes tal tolice !

Méd. — Pode parecer tolice, porém olhai para as vossas mãos. Recolhecei-as ?

Esp. — Elas não parecem as minhas, porém tantas coisas estranhas me tem acontecido que não sei mais o que pensar. Esta senhora aquí presente (a Sra. B.) esteve agindo como uma louca e tenho que considerar as coisas como acontecem, de maneira que tenho que pôr-me a pensar no que ela pensa fazer e nas razões que a movem a conduzir-se para comigo desta forma.

Méd. — Ela se considerará muito feliz se puder livrar-se de vós.

Sra. B. — Carrie, quantos anos tendes.

Esp. — Não sabeis que uma senhora não gosta de dizer a sua idade ?

Méd. — Especialmente se se trata de uma solteirona.

Esp. — Rogo que me perdoem, po-



rém não vos direi a minha idade. Conformai-vos com as coisas como elas podem ser.

Méd. — Fostes casada ?

Esp. — Sim, casei-me com certo homem, mas não me preocupo de forma alguma com êle.

Méd. — Como se chamava êle ?

Esp. — Isto é um segredo que eu guardo. Não quero que ninguém lhe mencione o meu nome e tão pouco quero levá-lo comigo. Chamo-me, pois, Carrie Huntington, êste era meu nome de solteira e não quero trazer o dêle.

Méd. — Desejais ir para o mundo dos espíritos ?

Esp. — Que perguntas mais absurdas me fazeis !

Méd. — Elas vos parecerão absurdas, porém deveis considerar que existe um mundo espiritual. As coisas do espírito parecem ás vezes absurdas ás almas dos mortais. Perdestes o vosso corpo.

Esp. — Isto não está certo ! Estive com esta senhora porém ela faz uma coisa de que eu não gosto. E' muito comilona. Come muito e se fortalece, então eu fico sem poder sôbre o seu corpo, pelo menos não tanto quanto tinha. (á Sra. B.) Queria que a senhora comesse menos. Por muito que me esforce para indicar-vos que não deveis comer disto ou daquilo, não me atendeis. Nem sequer me escutais !

Sra. B. — Êste é o lugar aonde vos dizia que viesseis, porém não quises-tes vir.

Esp. — Já sei. Porém dão devieis levar-me onde aguentei aqueles choques. Não quero ficar convosco se hei de recebê-los de novo.

Méd. — Eles estão no aposento contíguo. Quereis alguns ?

Esp. — Não, obrigada. Nada disto comigo.

Méd. — Prestai atenção ao que vos estamos dizendo e não tereis mais necessidade de recebê-los. Sois um espírito ignorante. Quero dizer que sois ignorante da vossa situação. Perdestes o vosso corpo físico, sem sabê-lo.

Esp. — Como o sabeis ?

Méd. — Estais usando o corpo de minha esposa.

Esp. — Nunca vos vi antes e não sei porque pensais que posso ser chamada vossa esposa. Não, nunca.

Méd. — Nem quero que o sejais.

Esp. — Nem eu também.

Méd. — Não quero que continueis incorporada no corpo de minha senhora. Deveis verificar que perdestes o vosso corpo físico. Reconheceis estas mãos ? (as mãos da Sra. Wickland).

Esp. — Tantas coisas esquisitas me tem acontecido que me põem maluca. Estou cansada disto.

Méd. — Agora, Carrie, sêde razoável.

Esp. — Sou razoável e não me digais o contrário se não quizerdes que alguém vos diga algo que nunca ouvistes antes.

Méd. — Cuidado, Carrie !

Esp. — Sou a Sra. Carrie Huntington !

Sra. B. Prestai atenção ao que o Doutor tem a dizer-vos.

Esp. — De uma vez para sempre, digo-vos que não quero ouvir a ninguém. Tenho andado jogada de um lugar para outro e não me incomodo com o que possa acontecer-me.

Méd. — Sabeis que estais falando por intermédio do corpo de minha esposa ?

Esp. — Que tolice ! Isto è a coisa mais louca que ouvi em minha vida.

Méd. — Agora, tereis que mostrar-vos razoável.

Esp. — Razoável ? Eu sou razoável. Considerais-vos um homem perfeito ?

Méd. — Não, não sou perfeito, porém eu vos digo que sois um espírito ignorante. Estivestes incomodando esta senhora durante certo tempo e tivemos que afastá-la por meio daqueles choques. Deveis compreender que sois um espírito ignorante. Tereis que moderar-vos ou vos levarei ao meu consultório onde recebereis mais alguns choques.

Esp. — Não quero saber daqueles choques.

Méd. — Então mudai de modo de pensar. Realizai que não ha morte ; quando se perde o corpo, torna-se invisível aos mortais. Sois invisível a nós.

Esp. — Nada tenho a ver convosco.

Méd. — Queremos auxiliar-vos e fazer-vos compreender a vossa situação.

Esp. — Não preciso do auxílio de ninguém.

Méd. — Se não vos tornardes razoável, sereis levada por espíritos inteligentes e colocada num calabouço.

Esp. — Pensais que podeis assustar-me ! Vereis o que vos acontecerá !



Méd. — Deveis modificar os vossos sentimentos egoístas. Olhai ao vosso redor e vereis alguém que vos obrigará a tomar cuidado com o que fazeis. Vereis alguém que vos fará gritar.

Esp. — Eu não quero gritar. Gosto è de cantar.

Méd. — Onde está a vossa mãe?

Esp. — Ha muito que não a vejo. Minha mãe? Ela se acha no Cèu. Era uma boa mulher e está com Deus, com o Espírito Santo e todos os demais santos.

Méd. — Olhai ao vosso redor e vêde se a vossa mãe não está aquí.

Esp. — Isto aquí não é o céu, longe disto! Se isto é o céu, êle é pior que o inferno!

Méd. — Procurai a vossa mãe e vereis que ela se envergonhará de vós.

Esp. — Nada fiz para que ela se envergonhe de mim. Porque me destes aqueles choques e quereis pôr-me num calabouço? Esta senhora e eu é que temos um compromisso.

Méd. — Ela se comprometeu mas é de vir aquí até que a livrassemos de vós. Fostes afastada pela eletricidade. Perdestes a vossa companhia.

Esp. — E' certo, todos êles me abandonaram ha um momento. Não posso encontrá-los (os outros espíritos). Porque expulsastes aquele homem alto?

Méd. — Esta senhora quer ser dona de seu próprio corpo; ela não quer ser atormentada por espíritos apegados à Terra. Gostáveis de andar com êles?

Esp. — Não compreendo o que quereis dizer.

Méd. — Não podeis compreender que atormentaveis esta senhora e que lhe convertestes a vida num verdadeiro inferno?

Esp. — (à Sra. B.) Eu não vos atormenti.

Sra. B. — Acordastes-me ás 3 horas da manhã.

Esp. — Não precisaveis dormir.

Méd. — Deveis viver a vossa própria vida.

Esp. — Eu a estou vivendo.

Méd. — Que será num escuro calabouço se não vos comportardes direito.

Esp. — Como o sabeis?

Méd. — Não podeis permanecer aquí. Deveis ser humilde e querer auxílio,

que é o de que precisais. Eu e minha esposa nos dedicamos a êste trabalho por muitos anos e ela permite que toda a espécie de espíritos use o seu corpo afim de que possam ser esclarecidos.

Esp. — (Sarcasticamente) Que boa ela è!

Méd. — Deverieis envergonhar-vos de vós mesma. Estais vendo a vossa mãe?

Esp. — Não desejo vê-la. Não quero tirá-la do céu.

Méd. — Desde que o céu è um lugar de felicidade, ela não póde estar em nenhum céu com uma filha como vós, ela não pode ser feliz. Suponde que estais no céu e tendes uma filha; gostaríeis que ela agisse da forma que o fazeis?

Esp. — Não digo o contrário. E qual é o meu estado? Explicai-me isto!

Méd. — Já vos expliquei a vossa situação. Estais usando o corpo de minha esposa.

Esp. — E como o faço?

Méd. — Por meio de leis espirituais e porque sois um espírito desincarnado. O espírito e a inteligência são invisíveis. Sois tão egoísta que não quereis compreendê-lo.

Esp. — Isto não é o céu.

Méd. — Estamos em Los Angeles, California.

Esp. — Pelo amor de Deus, não me diga! (Uma expressão nunca usada pela Sra. Wickland) Como vim parar aquí?

Méd. — Acompanhando esta senhora. Eis aí. Ela teve que levar uns «choques» para livrar-se de vós.

Esp. — Ela está louca para fazer isto.

Méd. — Ela quer livrar-se de vós e o conseguirá.

Esp. — Eu não receberei mais aqueles choques.

Méd. — Espíritos superiores vos mostrarão algo de que não gostareis, se não vos comportardes direito.

Esp. — (Assustado com alguma visão). Não, não quero isto!

Méd. — Quer queirais quer não, é o que tereis.

Esp. — Só isto?

Como não fosse possível trazer êsse espírito à compreensão de sua situação, êle foi levado por espíritos inteligentes.

(Continua).



# A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

**C**ONTINUAMOS o nosso estudo a propósito d'este formidável manancial curador.

Todo o mundo científico admira o grande sábio Dr. Charles Richet, pelo seu modo de analisar as coisas dentro da experimentação científica; pelo seu senso crítico profundamente analítico, pela sua franqueza e finalmente pela grande dose de ciência de que era possuidor. Escreve êle em seu livro «A Grande Esperança», pág. 107: — Eis um facto assinalado por Duchatel e Warollier. (Os Milagres da Vontade. Pariz, Durvile, 1813, pág. 89 a 96).

Mademoiselle B. com vinte e oito anos de idade, orfã. Está tuberculosa, se bem que tenha de se recolher definitivamente ao leito, em Abril de 1905. Três médicos chamados em consultas separadas fazem o mesmo diagnóstico: 1.º, perda absolutas de sensibilidade e de movimento dos membros inferiores. 2.º, inchação externa do abdômem com muitas dôres, tornando impossível a palpação; 3.º, respiração diminuida dos dois lados. A' esquerda, estertores e ruídos sub-maciços. 4.º, sensibilidade aguda na região vertebral e a coluna apresentando uma curvatura convexa à esquerda.

Estado geral, emagrecimento e fraqueza extrema, perda de apetite, constipação perlinaz, insônia por lesão da coluna vertebral, tuberculose pulmonar e peritonia, estado gravissimo.

A 28 de Fevereiro, o dr. Leví vai ver essa pobre mulher, concluindo que não ha esperança alguma de cura. Ela está inerte sôbre o leito, sómente os braços conservam alguns raros movimentos, e pode ligeiramente virar a cabeça do lado direito. Mas assim que se lhe levanta o corpo, a cabeça pende pesadamente. Não se pode sentá-la sôbre o leito, a coluna não tem firmeza alguma. Cada um de seus movimentos provo-

ca uma síncope, o ventre está muito crescido e as alças intestinais distendidas desenham sôbre a parede abdominal.

Em desespero de causa chamou-se então M. Emile Magnin para experimentar um tratamento pelo magnetismo. Mlle. B. contou-lhe isto: «Aos 18 de Setembro, às 2 horas da manhã, minha lâmpada apagou-se duas vezes. Ouvi então uma voz, vinda do quarto vizinho, a qual me disse: — Podes tu suportar a prova? — E eu respondi: Sim! Então aproximou-se de mim uma mão fina, alongada, segurando uma flama que iluminou todo o quarto e pude ler estas palavras: «A 8 de Maio te levantarás». A visão desapareceu lentamente e, após alguns minutos de obscuridade, a lâmpada se acendeu sozinha».

Diante disso, M. Magnin, de accordo com os médicos, dá passes magnéticos que acalmam as dôres e trazem um pouco de sono á doente. Aos 8 de Março a doente conta ao seu novo médico, M. Magnin, que via junto de si uma linda senhora; depois seu busto se acalma, ela se move e vira a cabeça, faz esforços para sentar-se, ficando perfeitamente ereta, sentada sôbre seu leito. M. Magnin então diz á linda senhora (que êle não via)—Se sois vós quem aí estais, tendes poder para fazer a doente andar. A doente ergue lentamente a perna direita, depois a perna esquerda, apoia-se contra o leito e faz duas vezes a volta do quarto. Pouco a pouco a expressão muda; ha uma verdadeira transfiguração. — Não creio alterar a verdade, diz M. Magnin, pretendo ter visto uma pálida auréola circundar a cabeça da doente. Depois, a dois passos do seu leito, o busto se curvou, a cabeça tornou a pender e as pernas se dobraram. M. Magnin tomou-a em seus braços e colocou-a sôbre o leito.

Aos 16 de Março ela dormiu sete horas. Disse que a sua amiguinha



(espírito) lhe mandara estender as mãos que tocara, tendo ela então sentido uma fôrça nova.

Escreveu depois uma carta o que não acontecia havia vinte e três mezes. Cessaram as hemoptises. Aos 15 de Maio ela estava definitivamente curada. Passado algum tempo casou-se e teve dois filhos.»

—Não sendo possível fazer neste artigo as considerações que esta cura merece, devido á falta de espa-

ço, o faremos no próximo artigo. Uma coisa, porém, temos o dever de anotar. Se na França fossem proibidos os passes magnéticos, esta doente morreria infalivelmente, pois que a medicina já a havia desenganado. Quantas criaturas deixarão de ser aliviadas dos seus males se forem proibidos entre nós, in totum, os passes magnéticos? Nem é bom lembrar.

(Continua).

## Provas da Sobrevivência

J. B. CHAGAS

— III —



**V**OLTAMOS, hoje, conforme prometemos (n.º de Agosto p. p.), a abordar o palpitante tema da sobrevivência, citando mais alguns casos, pelos quais esta verdade tem sido evidenciada de

modo a não deixar dúvidas, dada a idoneidade das pessoas que testemunharam os ditos casos.

Ainda hoje, como ontem, ha de ser através dos factos de observação, positivados, que as ciências especulativas terão que estabelecer as suas bases, porque, segundo o acêrto de Flamarion, «as teorias nada valem quando não se esteiam em realidades, sendo, pois, a observação positiva indispensável para nos convencer». E «a immortalidade da alma—já dizia Pascal — é uma coisa de tal importância, interessa-nos tão profundamente, que é preciso ter perdido toda a sensibilidade para ser-se indiferente ao seu conhecimento. O nosso interêsse e o nosso primeiro dever são os de nos esclarecermos sôbre êste assunto, de que depende toda a nossa conduta e é por isso que eu faço uma distinção extrema entre os que trabalham com todas as suas fôrças para nêle se instruirem, e os que vivem sem dêle cuidarem e sem nêle pensarem. Esta negligência numa questão em que se trata dêles mesmos, da sua eternidade, do seu todo, irrita-me mais do que me comove, surpreende-me e espanta-me, é monstruosa para mim. Não falo assim pelo zêlo pie-

doso duma devoção espiritual. Pelo contrário, entendo que se deve ter êste sentimento por um princípio de interêsse humano».

Escudados nêses princípios, é que estamos trazendo para as páginas desta revista e para conhecimento dos seus leitores, principalmente daqueles que desconhecem as obras de Camilo Flamarion, factos reais dimanados de observação positiva e relatados por pessoas insuspeitas.

No primeiro que hoje focalizamos, fica demonstrada de modo cabal a manifestação de um morto a uma parenta, por meio de palmas estrepitosas, como era de seu hábito fazer em vida para assustar os seus amigos e conhecidos.

E' uma singular história que foi comunicada a Flamarion em 1900 por uma correspondente russa de nome *Olga Pouchkine* e consta do 3.º volume da obra — *A morte e Seu Mistério*, pág. 140, da edição Briguiet.

Ei-la :

«Meu avô experimentava — disse a missivista — verdadeiro prazer quando assustava as pessoas de uma maneira ingenuamente original. Batia palmas três vezes no momento em que se estivesse absorto, preocupado e sobretudo quando se tinha a infelicidade de estar meio adormecido. Como tivesse essa mania desde a sua primeira juventude, aconteceu-lhe ter desavenças com desconhecidos ou mesmo com amigos pouco pacientes. Sua



verdadeira vítima era uma das suas velhas parentes, uma certa D. Estefania, solteirona abeatada, tranquila ao possível, um pouco apática e devaneando muitas vezes nos cantos das salas. Meu avô encantado dessas boas disposições a surpreendia sempre quando menos esperava e a assustava de tal modo com seus terríveis estalos que ela desmaiava literalmente! E ria-se, o desalmado felicíssimo, *repetindo-lhe a saciedade que pode ficar absolutamente certa de ouvir três palmas no momento da sua morte* em qualquer lugar em que elle morresse, nem que fosse a mil léguas. Isso durava desde muitos anos. Uma vez meu avô antes de uma longa viagem passou algumas semanas em casa de D. Estefania, a quem, aliás, era particularmente afeiçoado. Não se privou de assustá-la mais do que nunca. Era uma verdadeira mania, divertindo-se sempre em atordoá-la. Ao despedir-se, afirmou-lhe de novo que podia ter a certeza de ouvir três palmas no momento em que morresse. Ficou ela vários meses sem receber notícias d'êlé. Meu avô viajava sempre. Uma noite, estava ceando com uma das suas vizinhas, exactamente às nove e meia, quando ambas ouvem as três terríveis palmas. Estupefatas ao mais alto gráu, procuraram os esconderijos onde teria podido achar-se meu avô, inutilmente, aliás. A pobre Estefania com isso adoeceu. Vários dias depois recebia um portador especial enviado por meu tio Max, participando-lhe a morte súbita do meu avô, a 13 de Novembro, às nove e meia, *no momento em que iam cear*. Justamente falavam de D. Estefania. Meu avô, rindo às gargalhadas, esvasiava o copo quando caiu fulminado. A chácara em que elle morreu está situada no interior da *Volhynia* (pequena Russia) acêrca-de 150 léguas russas do castelo em que habitava D. Estefania. Como não existisse a telegrafia naquella época e como as comunicações eram difíceis, meu tio Max lhe enviou um portador especial que levou, creio eu, perto de duas semanas para fazer êsse trajeto. Todos os membros da minha família podem lhe certificar êste facto».

O outro facto tem a atestar-lhe a autenticidade o testemunho de uma religiosa, e os religiosos creem que *spiritus qui vadit non redit...* E', portanto, a confissão sincera de uma religiosa, que apenas solicitou fosse ocultado o seu nome

para evitar complicações com os seus superiores:

Nêlé, isto é, no presente facto, fica também evidenciada a verdade da sobrevivência, pela manifestação do padre superior da ordem a uma religiosa do asilo, e que é, no caso, a própria narradora.

Referindo-se ao dito facto, em carta, dirigida a Flammarion, eis o que escreveu a religiosa:—«Só o contei ao senhor cura e estou admirada que o caso tenha sido propalado; não se deu aqui, mas num convento do Norte onde estava ha alguns anos. Eram nove e meia da manhã, acabava de levar as crianças quando ao chegar perto da grade do convento notei que a porta da entrada estava aberta. Ia fechá-la mas, ao aproximar-me, vi um padre, encostado nela, pobremente vestido, tendo na mão um bastão cortado de algum galho de árvore e mais uma sacola como um mendigo. Também segurava na mão um grande lenço amarelo de quadrados. Bastante admirada dêsse vestuário, perguntei-lhe o que desejava.

— Quisera uma missa, respondeu-me êle.

— A essa hora não ha mais missa no convento, repliquei, mas, se fôr á igreja, talvez possa ainda assistir á alguma.

Desci então com êle os três degraus da entrada, acompanhando-o até á grade e indiquei-lhe o caminho mais curto para ir á igreja. Mas, enquanto falava, e estando em plena luz, notei melhor seu vestuário. Não tinha gola e sim um pequeno colarinho, estava de óculos e olhava para mim coando o olhar por baixo dos vidros. Subitamente, seu rosto, êsses óculos, êsse colarinho e o lenço de quadrados, tudo lembrou-me o padre superior da nossa ordem, o qual falecera seis meses antes. Indiquei-lhe então com o dedo qual a rua por onde devia seguir, olhando eu para aquele lado. Ao voltar-me para êle, não o vi mais: tinha desaparecido!»

São dois casos isolados, que poderiam ser multiplicados ao infinito; como os demais já apreciados, são factos comprovados desde todos os tempos, mas que a má vontade e a ignorância dos homens, teem também procurado manter sob o véu de obscurante negação, não permitindo que o problema tão transcendente da sorte do homem após a morte do corpo físico chegue ao conhecimento de todos.

E, como o assunto prende, voltaremos a analisar máis alguns casos.



# Analizando Factos

Por *FREDERICO DUARTE* — *Manchester*

**A** propósito duma notícia que li há tempos num jornal espiritualista publicado no Rio de Janeiro, onde foi dito que um padre da cidade de Ponta Grossa avisou os seus fiéis de que os bons católicos não devem de fôrma alguma ajudar ou interessar-se de qualquer modo sôbre tudo o que diga respeito ao Espiritualismo. Nem mesmo ajudar quaisquer instituições, hospitais, albergues, etc., mantidos pelos ditos.

Semelhante afirmação coloca, a meu modo de ver, êsse indivíduo na classificação de «Egoista», e sob tais circunstâncias creio que está ocupando um lugar a que não tem direito.

Muito gostaria eu que o reverendo padre me pudesse elucidar sôbre a verdadeira significação e interpretação das seguintes passagens que transcrevo da Bíblia, que êle naturalmente lê e ensina aos seus fiéis.

No livro do Eclesiástes lemos que o Rei Salomão ao aconselhar a juventude de Israel a lembrar-se do seu Criador, nos dias de sua mocidade, disse que quando o corpo se torna inanimado, êsse passa para a terra, enquanto que o espírito volta para Deus.

No capítulo 28 do primeiro livro de Samuel, lê-se que, encontrando-se o Rei Saul em grande aflicção, foi consultar a médium de Endor, e que por seu intermédio lhe apareceu o profeta Samuel, o qual tinha morrido alguns anos atrás.

No capítulo 12 do segundo livro de Samuel, lê-se que o filho adorado do Rei David se encontrava acometido duma doença grave e que David jejuou e orou a Deus pelo seu amado filho, o qual faleceu dias depois. Ao receber David essa infausta notícia surpreendeu a todos quando o viram a não chorar mais, e admirados com isso, lhe pediram uma explicação sôbre essa sua atitude. Respondeu êle: — Enquanto a criança vivia eu jejei e chorei, mas agora que se foi em-

bora de mim, para que deverei eu chorar? Poderei por ventura trazê-lo de novo para a minha companhia? Eu irei para êle (para a sua) mas êle poderá não regressar de novo a mim.

Ora, reverendo senhor padre de Ponta Grossa, se não existe a sobrevivência, então as doutrinas de Jesus Cristo são mentiras e a narração da sua transfiguração no Monte, onde se transformaram também Moisés e Elias, e foram vistos pelos seus discípulos, poderá considerar-se como sendo um mito.

Os estudiosos sabem que a Bíblia não foi traduzida como se encontra hoje, do original, ou seja, da língua (ou línguas, incluindo a judaica) falada por Jesus, mas, os casos acima apontados por mim e centenas de outros foram e continuam a ser reconhecidos como verídicos.

Um certo dia um padre católico disse-me que estava eu a trilhar por um caminho errado, o qual me levaria ao Inferno e que era uma vergonha que um homem que foi educado pelo Catolicismo e toda a sua família, se estivesse metendo a investigador de fenômenos psíquicos.

— Deixemos os mortos em paz, disse êle, e rezemos-lhes pelas suas almas.

Não me lembra no momento o que eu lhe respondi, mas uns meses depois a reverenda criatura tendo sido informada do falecimento de minha mãe, que ocorreu em Portugal, veio ter comigo, dando-me os pêsames adicionando o seguinte: — Por informações fidedignas sei que sua santa mãe foi uma bela criatura, muito esmoler, caritativa e bondosa em extremo, enquanto esteve cá no mundo. Eu sei que ela foi para o Céu, e você, para ajudar o seu progresso, creio que atuaria duma forma justa, se mandasse rezar algumas missas pela sua alma.

— Está o amigo certo de que ela foi para o Céu?



— Certamente, pois o seu record enquanto andou cá na terra foi nobre e belo.

— Nêsse caso, contestei eu, para que diabo deverei eu gastar algum dinheiro que tanto me custa a ganhar com o suor do meu rosto, e dôres na minha cabeça, para um sacerdote que nunca viu mais gorda a minha mãe, dizer uma meia duzia de missas, que não adiantariam absolutamente nada, se é, como disse você, que ela se encontra já no Céu?

Se está lá, encontra-se positivamente muito melhor do que eu, quando me vejo muitas vezes em dificuldades, as quais tenho que solver por mim próprio e pela ajuda de espíritos amigos que se encontram no «Além»!

O homenzinho nada disse, mas, quando ao falar com um amigo sôbre a minha pessoa, deu-me uma roda de parvo, que a minha alma estava nas mãos do diabo, e que eu me estava misturando com gente sem juízo!

## O Facto o Converteu

*O Fenômeno ocorreu em ambiente estranho ao Espiritismo. — Como positivista convicto, estudou Biologia para contestar o Espiritismo; hoje, diante de um fenômeno evidente, aceita com segurança a sobrevivência da alma e o intercâmbio dos espíritos com o mundo físico.*

A imprensa diária divulgou, há dias, o surpreendente e singular fenômeno ocorrido na residência do Dr. Joaquim Passidomo, culto advogado, motivando o suicídio de sua companheira, a joven Nadyr Mafra, de 20 anos. Não obstante estarmos autorizados a transcrever a entrevista que o Dr. Joaquim Passidomo concedera a «A Notícia», de 2 de agosto, quisemos ainda, diretamente, ouvir dêsse conhecido e brilhante causídico um depoimento verbal, para confirmação do facto, cuja importância no meio espírita nos impõe, como jornal doutrinário, o maior interesse.

Gentilmente, ao ser recebido na redação de «Mundo Espírita», o Dr. Joaquim Passidomo corroborou tudo quanto o grande vespertino publicara. Antes que lhe fizéssemos qualquer pergunta e sabedor do nosso interesse pelo assunto—o Dr. Passidomo iniciou a palestra declarando:

«O facto se passou exatamente como está publicado na entrevista que concedi a «A Notícia». E' a pura verdade.

Tratando-se de um homem culto, tendo as suas convicções filosóficas bem fundamentadas, estabelecemos com o distinto entrevistado uma palestra que logo focalizou vários temas de elevação. Positivista ardoroso, sua cultura filosófica já

estava consolidada. A surpresa do fenômeno ocorrido com a sua companheira, criatura a quem votava uma afeição profunda, veio, porém, modificar no estuoso e sincero discípulo da escola positivista sua opinião já sólida a respeito da alma e de outros problemas subjetivos.

Hoje -- Afirma o Dr. Passidomo a «Mundo Espírita» -- estou absolutamente certo de que a alma atua sôbre o individuo, exercendo um domínio independente da vontade humana.

Depois de uma palestra agradável, contornando aspectos diversos de sua formação, o Dr. Passidomo despediu-se da nossa redação, reafirmando os seus novos pontos de vista acêrca da alma. Eis, agora, a entrevista confirmada pelo nosso amável visitante.

— «Terça-feira, 9 de julho, lia eu os jornais vespertinos e d. Nadyr repousava numa poltrona quando, de repente, pronunciou as seguintes palavras, elevando o busto:

— Não, não quero me suicidar.

Dirigi-me prontamente a ela, interrogando-a e, voltando ao seu estado normal, perguntou-me porque não prosseguira eu na leitura dos jornais. Estranhei profundamente o facto, mas a noite transcorreu tranquila.

No dia seguinte, de novo, o fenô-



meno se produziu e eu, em palavras ásperas, presumindo serem os tais fenômenos espíritos, exprobei a personagem para que deixasse em paz a mocinha, que não deveria ser perturbada. Ao sair dêsse entorpecimento, disse-me ela que sentia os pulsos como se cortados à navalha.»

### O Fenômeno da Navalha

Continuando a sua narrativa, o dr. Passidomo diz-nos :

— «Acautelando-me coloquei a navalha que uso para barbear-me atrás de uns volumes, na última prateleira da estante de livros, para maior prudência travei as portas corrediças. Qual não foi a minha surpresa ao voltar para o almoço, quando a nossa empregada explicou-me que d. Nadyr, atuada pelo mesmo fenômeno, dirigira-se para a estante, fazendo o seguinte monólogo :

Eu não sei onde está ; onde ? onde ? e forçando-lhe as portas conseguiu abri-la.

A criada correu para ela encontrando-a tendo nas mãos um estojo semelhante ao da navalha, mas que continha um compasso de minha propriedade, ali também guardado.

Resolvi retirar a navalha para o escritório de um amigo, nesse mesmo dia.

Esses fenômenos também se apresentavam na minha ausência e eram assistidos pela empregada. E nós dois, eu e a empregada, conseguíamos fazê-la voltar ao estado normal por meio de rezas : o Padre Nosso, a Ave-Maria e o Credo, as quais fui obrigado a recordaar, pois nunca rezei, tendo-as aprendido na História sacra, quando estudava o latim».

### Os monólogos continuam

E o narrador continua :

— «O seguinte monólogo foi por mim assistido, após o almoço :

— «Não me leve, não. Eu não quero morrer, ainda é tão cedo ! Eu tenho vinte aninhos só, mais tarde eu vou... Eu sou tão feliz, nada me falta, tenho tudo.

Proseguindo, estendeu os braços exclamando :

— Eu tenho dois braços !

Nesse momento, levantou-se e dirigiu-se para uma pequena área, tentando galgar um tanquinho do apartamento, como se quisesse projetar-se no espaço !

Eu, que a tudo assistia com a empregada, avancei para ela, sustive-a em meus braços, gritando : «Bandido ! larga essa menina, ela precisa viver.»

Voltando ao estado normal, depois de pronunciarmos as rezas, ela ficava admirada da nossa presença ao seu lado, manifestando inteiro desconhecimento dos factos passados.»

### A Viagem à Tijuca

— «Outra vez — continua o dr. Passidomo a sua narração — disse-me ela, atuada, estar cansada por ter ido á Tijuca e ao cemitério, acrescentando que fôra a pé, porque todo o trânsito estava interrompido.

Procurei um amigo que sabia entendido nessas coisas e contei-lhe os factos, muito em reserva, prontificando-se êle a prestar-me o auxílio conveniente. Combinámos levá-la na noite de sexta-feira, dia 11 de Julho, á residência dêle. Á tarde, em minha casa, convidei-a a sair. Com alguma relutância, ela aquiesceu. Tomamos um taxi, ela, eu e a empregada e, na frente, ao lado do motorista, uma amiga nossa. No meio do caminho, quando chegámos mais ou menos em São Cristovão, disse ela, sob a ação do fenômeno e completamente transfigurada :

— Vocês vão me levar na casa dêse senhor, mas eu não posso baixar lá !

Insisti pela necessidade de ir e retrucou-me :

— Ela não entra e vocês matam minha filha.

Respondi-lhe com energia :

— Mas todos nós somos amigos de sua filha e queremos salvá-la. Por que você não a deixa sossegada ?

— Prometo deixá-la se me levarem à Tijuca.

— Motorista, disse eu, toque para á Tijuca.

Acalmou-se um pouco. Perguntei-lhe :

— Mas, a Tijuca é grande, onde vamos ?

Respondeu-me : à rua tal, número tantos.

Deixo de relatar os factos que se desenrolaram porque me foram indicados nomes de pessoas e residências de que devo guardar segredo, não podendo divulgá-los ao público, mas só os revelando a pessoas que me provarem ter absoluto interesse científico de conhecer tais fenômenos e possuir incontestável idoneidade.



• Nessa noite de sexta-feira, voltámos para casa, ela completamente restabelecida, ignorando por completo os acontecimentos».

E o dr. Passidomo continua a interessante narração dos factos :

— «Sabado, à tarde, vendo que nada mais se apresentava de anormal com d. Nadyr, fui buscar a minha navalha de barba, pondo-a, cuidadosamente, no bolso interior do «paletot» e, ao chegar em casa, dependurei-o no armário de roupa trancando-o á chave, como de hábito o fazia.

Domingo, à tardinha, de novo o fenómeno se apresentou. Tendo eu perguntado o que desejava, afastou-me delicadamente, à distância de uns cinquenta centímetros, perguntando-me :

— Você guardou a navalha no armário, por que ?

Respondi-lhe :

— Tenho receio de que a moça se suicide... Não ha mais perigo ?

Não obtive resposta.

Reputo êsse facto importantissimo, pois ninguém sabia nem da anterior retirada da navalha de minha residência, tampouco sabia da sua volta e do local onde eu a guardara.

Mudei-me de residência, indo para um apartamento mais amplo, na esperança de que tais fenómenos acabassem».

«Eu não quero ir»...

Continuamos ouvindo o dr. Passidomo, que nos conta :

— «Domingo último, de novo, o fenómeno se manifestou e, pouco depois, ela dizia que estava cega e que não queria ficar cega. Conduzi-a, então, para o quarto e ela, que se sentara no chão, monologava :

— Eu não quero ir, deixe-me viver mais um pouco... Depois eu vou...

De repente, após uma pausa, exclamou :

— Juro que vou !

Voltando ao estado normal, perguntou-nos o que faziamos todos alí de cócoras, ao seu lado. Tentamos explicações. Antes, porém, quando eu me referia a êsses acontecimentos ela se revoltava, razão pela qual nunca pude tomar a providência de levá-la a um Centro Espírita, nem consultei um médico, temendo que me aconselhasse a recolhê-la a uma Casa

de Saude, eu, que verificava serem os fenômenos momentâneos, voltando ela logo após á normalidade.»

### O suicídio

Continua o nosso atencioso narrador :

— «Segunda-feira, à tarde, a nossa empregada telefonou-me dizendo que a patroa trouxera da rua um vidro de remédio e o ocultara na seu guarda-vestidos. Dirigi-me imediatamente para casa e insisti com ela para abrir o seu armário, o que não consegui, obtendo, depois de muitas súplicas, a explicação de que adquirira um antiséptico.

A' noite, ao deitar-me, pedi-lhe a chave do guarda-vestidos, sob pena de eu e a criada permanecermos em vigília. Entregou-me então a chave, que guardei em lugar seguro.

Meia hora depois da meia-noite acordei, encontrando-a ao lado da cama arquejante e chamando-me. Compreendi a situação. Mas era tarde. Apesar de todos os socorros, morreu».

### Conclusões a que chegou, depois do facto

Antes de deixar a nossa redação, quisemos saber do Dr. Joaquim Passidomo quais as conclusões a que havia succedido à sua dedicada companheira.

Então Doutor — avançamos esta pergunta para remate da importante entrevista — *o problema da alma, daqui por diante, não lhe causará dúvida alguma ?*

— *Antes de tudo* — respondeu prontamente o gentil entrevistado *em virtude da minha formação filosófica, devo ser amigo da verdade.*

Esta resposta categórica logo teve por complemento outra declaração concisa. E assim, justificando o princípio que lhe ensinou a amar a verdade acima de todas as conveniências, o dr. Passidomo afirmou textualmente : «*A alma existe e se manifesta nas pessoas independente da vontade delas.*»

Finalmente, para encerrar a entrevista, no momento em que se despedia, o nosso entrevistado concluiu desta maneira, coroborando assim as suas novas convicções :

— «Posso fazer essa afirmação porque conheço toda a obra filosófica de Au-



gusto Comte e os comentadores dos filósofos que o antecederam e sucederam.

Tenho estudos feitos sobre fisiologia cerebral e funções do cérebro e fenômenos de alucinação, hipnotismo, histerismo, e, sonho, sono e sonambulismo. Conheço as experiências de Charcot no Salpetriere e da Escola de Nancy; nenhum dêles equivale aos por mim observados em D. Nadyr, portanto, não é certeza, mas absoluta convicção me leva á essa afirmativa pelos factos vividos na pessoa da minha companheira que contava 20 anos de idade, transcorrendo nossa existência tranquila e feliz. Ela era na sua idade uma das moças que mais custosas joias possuía e

toiletas luxuosas, entretanto, nada disso conseguiu prende-la ao mundo.»

Termina o periódico citado:

Aí tem os nossos leitores, com a entrevista que o dr. Passidomo concedeu a «Mundo Espírita», um facto perfeitamente confirmado e um testemunho espontâneo, mostrando á luz de todas as provas que os espíritos se comunicam com o mundo físico e, mais ainda, influenciam as pessoas, levando-as, conforme o seu grau de evolução, ao abismo, como no caso aquí relatado, ou ao bom caminho, por meio de conselhos, intuições e outras formas de assistência.

De «Mundo Espírita»

---

## SESSÃO DE EFEITOS FÍSICOS

---

Dr. C. G. Shalders

Residência de F. C., — Santana — São Paulo, em 15 de Setembro de 1941.

Médium—Laura (filha de F. C.) — presentes, 17 pessoas.

A médium foi ligada á sua cadeira, pés e mãos, por um dos assistentes, e assim permaneceu durante toda a sessão, no fim da qual ela foi desligada pelo mesmo assistente.

Apenas F. C. terminara a oração inicial, quando o espírito Paulo Martins, guia da médium e seu primo, manifestou sua presença por meio de três leves raps sobre a mesa.

Sobre esta, situada á frente da médium, havia uma vitrola fechada e uma pilha de discos.

Depois de Paulo, certo Armando manifestou sua presença por três pesados golpes sobre a mesa, aos quais se seguiram raps leves; todavia, este espírito não forneceu o seu nome.

Duas pequenas cornetas, providas de substância fosforescente, foram levitadas e flutuaram pelo aposento.

A seguir, veio Maria, irmã de Paulo, e, portanto, prima da médium.

Ela abriu a vitrola, tirou da pilha de discos o que continha a «Ave Maria» de Gounod, colocou-o sobre a almofada, pôs a máquina a funcionar e pediu luz. A vitrola que fôra

posta diante da médium, tocava mencionado disco, e a médium em transe, continuava amarrada.

De novo apagadas as luzes, Maria, conhecida por «Noiva» (ela era noiva quando faleceu, e sempre se apresenta vestida de noiva), continuava a manejar a vitrola, tocando um disco após outro, e isto até o fim da sessão, que ela terminou com a música «Ave Maria», repetindo-a por 3 vezes. Em seguida fechou a vitrola, deu as boas noites a todos e retirou-se.

No decorrer da sessão, Noiva, materializada, visitou todos os assistentes, tocando a todos e permitindo que a tocassem. Enquanto manejava a vitrola, ela entretinha conversação com os assistentes, com voz perfeitamente natural, respondendo a perguntas que lhe eram dirigidas. Perguntei-lhe se já havia materializado todo seu corpo. Ela respondeu: da cintura para cima. De novo lhe perguntei se falava por sua própria bôca, ou se empregava a da médium. Ela assegurou que falava com voz própria. Quando lhe fiz esta pergunta, a voz parecia vir da direção da médium. Mas era natural assim acontecer, pois Noiva estava entre mim e a médium, ela mais perto de mim, do mesmo lado da mesa e a médium do lado oposto. Mas o ponto de que provinha



sua voz, mundava, ora de uma, ora de outra parte da sala.

Um interessante fenômeno foi o aparecimento de uma luz a flutuar no espaço, algumas vezes a dois metros acima do solo, de outras, bem mais baixo; variando também o tamanho da luz. Quando apareceu da primeira vez, apresentava o aspecto de chamejante bola amarela, para, em seguida tomar a forma de um disco, cujo tamanho variava, de dois a oito centímetros de diâmetro. Também a côr da luz variava, por vezes uma mistura de amarelo e vermelho. Mentalmente pedi que Noiva trouxesse a luz para junto a mim. A luz aproximou-se e atingiu seu volume máximo. Então observei no centro do disco, que apresentava várias colorações, uma perfeita cabeça, e o pescoço terminava nos ombros. Mais tarde perguntei o que representava a figura; ela respondeu ser ela mesma em miniatura.

Três vezes Noiva veio junto a mim. Da primeira, ela tomou minha mão direita entre as suas e dava-lhe leves palmadas, o que também fez em meu rosto. Da segunda, ela me permitiu tocar seu cabelo, fiz minha mão acompanhar uma grossa madeixa de cabelos, desde a cabeça até a extremidade, cerca de 30 centímetros de comprimento. Em seguida segurei o

véu (de noiva) entre minhas mãos que se me afigurou de material extremamente leve, mais leve que a mais fina seda, por mim jamais vista. Da terceira vez, ela de novo se apoderou de minha mão, e eu apertei ambas as mãos dela, uni-as, coloquei meu rosto entre as duas mãos e beijei-as. Pareceu-me que ela apreciou minhas carícias, pois senti palmadinhas na cabeça. Levantando-me em seguida, novamente me apoderei de suas mãos e durante alguns segundos movíamos nossos braços acompanhando o compasso da música que estava sendo executada na vitrola. Então ela me fez sentar, aproximou seu rosto do meu e beijou minha testa; senti o seu cabelo (ou véu, não sei qual dos dois) roçar minha testa. Enquanto eu ainda estava de pé Noiva colocou minha mão sobre seu quadril, cuja solidez senti.

Essas três visitas a mim feitas por Noiva, não foram consecutivas, mas a intervalos sucessivos durante os quais ela visitava os outros assistentes.

Quando Noiva se despediu, ao findar a sessão, os outros espíritos que se haviam manifestado no começo da sessão, novamente deram sinal de sua presença. E assim foi encerrada a sessão que durou duas horas e um quarto.

---

## Crônica Estrangeira

---

### Materializações

«*Revue Spirite Belge*» — Por Gabriel Gobron

O testemunho de Mr. Harry Boddington.

Ele viu Florrie Cook e seu espírito-guia, «Masias», esta completamente materializada, e ele pode compará-las, médium e forma, com a maior facilidade. Ele lembra os ferimentos inflingidos a médiuns consequentes à ignorância dos cépticos: Guy L'Étrange, sofreu uma contusão abaixo do estômago, resultante da regressão violenta do ectoplasma; Clive

Halmes, contusão nas costas, olho entumescido (de uma feita, um experimentador simplesmente havia detido com o pé, uma corneta em levitação). Por ocasião da materialização de «White Moose», formava-se e desaparecia, semana após semana, um penacho (enfeite de cabeça, indiano), sem jamais deixar vestígio qualquer, não obstante o contróle dos investigadores. Por vezes desapareciam cabelos e penas, em um segundo. Os amadores da *regurgitação* querem impingir-nos que se possa engulir cabelos e penas e vomitá-los sob forma de elegante penacho indiano. Que disparate!



Mr. Harry Boddington observou no decurso das materializações de Clive Holmes, as evoluções dum chinês, dum negro, perfeitamente identificados. A quem se poderia convencer que êsse amarelo, êsse negro, eram o médium Clive Holmes? Para operar êsse truque magistral, necessário seria, ao menos, meia hora, e o autor viu por vezes, em uma única sessão, a formação de mais de vinte materializações completas, assistiu à sua aparição, evolução na sala, e seu desaparecimento quasi instantâneo, e todas com caractéres distintos de talhe, raça, nacionalidade, ao mesmo tempo que o médium, ligadas as mãos, estava amarrado a uma poltrona e, simultaneamente visível com as formas! Querem fazer crer aos ingenuos que simplesmente se trata de comparsas! Que absurdo!



## O Fantasma do Marechal Junot visto por sua mulher

«*La Revue Spirite*»

As observações de fantasmas apresentam todas as variedades imagináveis.

Reproduzimos aquí o resumo do relato autêntico, escrito pela mesma percipiente, esposa do Marechal. O facto verificou-se em 1813, ano em que faleceu Junot.

«Foi, escreveu a duquesa, na noite de 22 para 23 de Julho, eu dormitava penosamente quando fui assaltada por sensação jamais experimentada e dolorosa, ao mesmo tempo.

Desperto e distintamente vejo Junot, junto ao meu leito, vestido com o mesmo terno cinzento, que envergava no dia de sua partida para a Iliria, olhando-me com expressão doce e melancólica. Dei um grito pungente que despertou Blanche (minha camareira; ela ainda vive) e Mme. Thomières, que, imediatamente saltou do leito e veio a mim, perguntando-me o que havia. Ai! Seguidamente eu estava a ver essa aparição aterradora, porque o rosto de Junot estava pálido e profundamente triste; parecia-me que já estávamos separados aquí na terra. Mas o que sobretudo me terrificava, era ver a aparição caminhar em torno de meu leito, e, além de tudo, Deus meu, uma das pernas estava quebrada. Enfim, eu via, por uma revelação intensa, o estado em que

estava Junot, e tudo isso sem que eu tivesse recebido qualquer notícia dêle, notícia impossível, pois o acontecimento se verificava nessa mesma hora. E, mais tarde, por muito tempo meu irmão não me revelou a verdade, temendo pela minha vida.

«Iluminai o quarto, exclamei eu em crescente estado de pavor, deixai o ar entrar abundantemente, sobretudo luz, muita luz», e com os olhos eu seguia a aparição sempre visível, que ora de mim se aproximava, ora se retirava ao canto obscuro do quarto, chamando-me para junto de si.

Por momentos tudo isso me fazia acreditar que eu ia morrer; e então de meu peito escapava um grito surdo e prolongado que parecia um apêlo á morte. Foi sómente ao amanhecer que a aparição gradualmente se esvaecia e se tornou em espécie de nuvem quasi indistinta. Eu não explico o fenómeno; relato-o tal qual succedeu.

Quando meu irmão Alberto, de volta, contou a Mme. Thomières os terríveis factos que precederam a morte de Junot, ela não pode reter um grito de assombro e lhe contou o que comigo ocorrera.

Ainda hoje não posso afastar de meu pensamento que houve uma relação immediata entre duas almas ligadas por tantos laços que formavam uma alma única; eu o creio, o creio firmemente. Os mistérios da Providência teem uma profundidade impenetrável ao nosso olhar.»

Tal foi esta aparição incontestável. Sabe-se que Junot cometeu suicídio. A tristeza que lhe causou a derrota do exercito francês na Espanha, onde êle recebera o título de duque após a tomada da cidade de Abrantes, tristeza aumentada pela recepção fria após o seu regresso, deprimia-o completamente. Foi acolher-se a casa do pai, quando num acesso de febre, se atirou pela janela, fraturando uma perna. Nessa ocasião a esposa achava-se junto ao lago de Genebra, de regresso á pátria.



## Colóquio com a Morte

«*Mondo Occulto*»

Edgard Poe: *O mistério da morte.*

Edgard Poe, com a intuição do poeta, sondou maravilhosamente o mistério da morte. E em seus contos fantásticos,



«Colóquio entre Monos e Una» e Memórias de Augusto Bedloe» discorre sobre o fim da existência corporal e as sensações que a acompanham e que a seguem.

Monos e Una tornam a encontrar-se no túmulo e Monos descreve o momento da separação do Espírito e o período de espanto que se seguiu à desincarnação :

«Uma comoção surda como a da eletricidade percorreu meu corpo e seguiu-se logo em mim, uma completa extinção da idéa do tato. Tudo quanto permanecia do que o homem chama «senso» se transfundiu na única consciência da entidade e no único sentimento imutável de duração. O corpo caído fôra feído pela mão da destruição insanável. E contudo, a sensibilidade não havia desaparecido completamente, visto que a consciência e o sentimento subsistentes exerciam parte de suas funções com intuição letárgica. Compreendi a espantosa mutação que começava a operar-se em minhas carnes e, à semelhança do homem que, em delíquio tem algumas vezes consciência da presença corporal da pessoa que sobre elle se curva, assim, minha doce Una, eu sentia sempre surdamente que tu estavas sentada a meu lado. Igualmente, quando chegou a duodécima hora do segundo dia eu ainda tinha consciência de todos os movimentos que se sucediam ; tu te distancias-te de mim, encerraram-me no caixão... fui colocado sobre o carro fúnebre, lançaram-me na sepultura, encheram-na com terra, deixando-me nas trevas, entregue à putrefação, nos meus tristes e solitários sonhos em companhia dos vermes.

E lá, naquela prisão, que bem poucos segredos tem a revelar, sucediam-se os dias, semanas e meses, e a alma contava escrupulosamente cada segundo que fugia e sem dificuldade registrava-lhe a fuga».

Neste ponto, defrontou-se com um dos pontos mais obscuros da vida dos espíritos, isto é, o modo de existir independente do corpo. Poe teve a visão clara do momento da separação da alma do invólucro carnal, o gradual desprendimento da idéa dos sentidos e esvaecimento da sua sensibilidade e, sucessivamente, um período de indicação em que a consciência e o sentimento suprem, em parte, a mesma sensibilidade e, em seguida, perceber o próprio corpo como coisa distinta do «Eu», até o momento em que, liberto o espírito do estado do assombro, se emancipa completamente de

todos os laços corporais e excrupulosamente, está contando todos os momentos que fogem.

Por êste sentido se transforma e um novíssimo estado se esboça. Monos, descrevendo a sucessão dos acontecimentos na sua tenebrosa demora, diz : «E, então, do naufrágio e do caos dos meus sentidos normais, surgiu em mim um sexto sentido, absolutamente perfeito, cujo exercício me proporcionava estranha delícia, um prazer, contudo, ainda físico... Poderei assim definir êsse estado : «Vibrações do pêndulo mental. Era a personificação da idéa abstrata do tempo. Êsse sentimento de duração, vive, perfeito, existente por si mesmo, independente de qualquer série de factos (modo de existência talvez ininteligível ao homem), essa idéa, êsse sexto sentido que se elevava de minhas ruínas, era o primeiro passo sensível, decisivo da alma liberta do tempo sobre o limiar da eternidade».

A maravilhosa intuição de Edgard Poe se equipara ás investigações de Prentice Mulford : «As forças que dormem em nós», onde, no capítulo dos «Mistérios do Sono», discorre sobre a direção artificial dos sonhos e da possibilidade, no sono, de provocar, á vontade, o desligamento do próprio corpo astral. O processo sugerido é o de conseguir, antes de adormecer, provocar a anulação momentânea dos cinco sentidos, fixando no próprio espírito a simples idéa da realidade do sêr, *não mais servindo-se de qualquer dos outros sentidos.*

Esta «realidade do sêr»—idéa pura — é toda inerente á individualidade e é parte integrante da «consciência do não ser, isto é, do não mais existir como pessoa», sensação que dá a completa percepção da morte. Assim, Poe esboça dois estados sucessivos : o primeiro á breve distância da morte—a consciência do não ser ; o segundo, mais perfeito, marca a emancipação *de cada veículo dos sentidos* — isto é, *a realidade do sêr.*



## Relógios e avisos de morte

«Light»

Mr. C. De Vesme escreveu, em *Psichica*, vários artigos sobre mediunidade na infância, animais falantes, espontâneas irrupções de incêndios, apedrejamentos, etc ; e, posteriormente, relatou diversos casos



notáveis de frequente correspondência entre — relógios e a morte, ou aproximação desta.

Esta conexão é mais do que uma questão de coincidência fortuita, o que se prova pelos relatos constantes do cap. XI de Flammarion, «Autour de la Mort».

M. De Vesme recebeu novas provas do Dr. Weil, conhecido Babbi de Strasburgo, que responde pela autenticidade do fenômeno ocorrido no lar de conhecida família. Um membro desta, estudante, afirma o seguinte:

«Minha avó morreu em 1913. Na hora da morte, o relógio de parede colocado em seu quarto, parou de súbito, e ninguém conseguiu pô-lo de novo a trabalhar. Alguns anos depois faleceu seu filho, e no mesmo dia da morte, o relógio pôe-se a trabalhar, sem que alguém o houvesse tocado.»

M. De Vesme diz que o primeiro

fenômeno, isto é, o facto de ter parado o relógio, poderia ter sido atribuído a alguma causa natural; pois conhece-se muitos desses casos! Mas que o relógio começasse de novo a trabalhar, sem intervenção estranha, na mesma hora em que se verificou uma segunda morte no seio da mesma família, é um fenômeno dificilmente explicável por causas naturais; e mais ainda quando o estudante prossegue: «No dia em que se verificou o falecimento de vovó, um de seus filhos estava na América. Poucos dias depois, êle estava de regresso, e explicou que certa noite fôra despertado e viu a mãe de pé junto ao leito. Êle saltou da cama e seguiu a figura ao outro aposento, onde a forma desapareceu. Dia seguinte êle embarcou para a França, convencido que a mãe morrera. Dia e hora de sua visão correspondiam com a data e momento em que ocorrera o falecimento».

---

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Um «extra» interessante

As provas da Imortalidade da Alma têm se verificado em todos os tempos sob as mais variadas formas, e tão insistentes e positivas têm sido elas que a dúvida não é possível. Nem mesmo os cegos as podem negar, porque se não as podem ver com os olhos do corpo, podem entretanto confirmá-las através do sexto sentido.

Entre as variadas formas, tais como a «voz direta», a materialização, as marcas digitais em parafina, etc., sobressai, num testemunho eloquente e insuspeito da sobrevivência individual, a fotografia espírita.

Não ha método especial para a obtenção da fotografia espírita. Todos podem obtê-la desde que possuam uma máquina fotográfica. Na maioria das vezes, as foto-espíritas se verificam em meios estranhos ao Espiritismo e com simples amadores que, ao revelarem as chapas fotográficas, ficam surpresos e contrafeitos ao notar na fotografia os característicos de uma estranha personalidade.

A fotografia que publicamos é

bem a prova do que estamos expondo. Ela nos foi enviada por um confrade com a seguinte carta:

«Pelotas, 14 de Setembro de 1941.

Ilmo. Sr. Redator da «Revista Internacional do Espiritismo».

Paz em N. S. Jesus Cristo.

Junto a esta vai uma fotografia, que foi tirada pelo sr. João Fernandes, que comprara uma máquina «Kodac». E para experimentar a máquina, o sr. João Fernandes tirou o retrato das srts. Laura Corrêa da Silva e Yolanda Fernandes, sua irmã, que está de pé do lado de fóra de sua residência á rua Barão de Mauá, n.º 203, nesta cidade.

Ao revelar a chapa, o sr. Fernandes ficou surpreso com a estranha aparição que se vê na fotografia, a qual foi tirada numa tarde, nos primeiros dias deste mês.

O sr. Jacinto Nunes de Oliveira, negociante e espírita convicto, levou a fotografia à Sociedade União e Instrução Espírita, mostrando-a a todos os espíritas que no momento ali



se encontravam. Eu pedi a fotografia para vo-la remeter, certo de que a mesma, por tratar-se de um caso interessante, poderá contribuir muito para demonstrar, a esta humanidade, a sobrevivência individual e que, portanto, não se morre e que os espíritos constantemente estão junto de nós.

Sem mais, vosso confrade obrigado.

*Viterbo Rosa»*

Pelo conteúdo da carta, deduz-se que referida fotografia foi tirada num meio não espírita, o que confirma a sua autenticidade e importân-



cia. Nela aparece u'a mão e a formação de um rosto de tamanho irregular, o que se pode atribuir à rapidez exigida no momento, que não permitiu ao espírito uma manipulação mais ou menos perfeita do ectoplasma. Além disso, constata-se que uma das três pessoas presentes é médium de efeitos físicos.

Temos recebido fotografias idênticas, mas não as publicámos por falta de algo comprobativo de sua veracidade. Esta, porém, publicamos com satisfação, na certeza de que, como tantas outras insertas nesta Revista, contribuirá para aumentar a fé dos estudiosos do Espiritismo.

## Nossa Excursão

Durante o corrente mês, em visita a diversas cidades da Central, em nome de «O Clarim» e da Revista Internacional do Espiritismo, tive oportunidade de falar uma noite em Guararema, duas em Santa Branca, uma em S. José dos Campos, uma em Jacareí, uma em Taubaté, uma em Pindamonhangaba, um domingo durante o dia em Campos do Jordão, uma em Barra do Pirai, três em Lorena e uma em Cruzeiro.

Nesta cidade os diretores da União Espírita Cruzeirense acabam de adquirir uma bela chácara, situada em ótimo ponto, para a construção de um sanatório destinado ao tratamento de obsidiados.

Esse gesto significativo é mais uma prova dos esforços que referidos confrades empregam para minorar os males de centenas de infelizes que perambulam pelas ruas, quando não são recolhidos às cadeias publicas, atacados de uma das mais perniciosas molestias da época.

Que seus esforços sejam coroados de êxito e bem compreendidos por todos os espíritas locais, que, secundando-lhes às ações, saibam cerrar fileira ao lado dos mesmos, facilitando-lhes levar a bom termo tão nobre quanto significativo ideal.

Dentro de poucos dias reiniciaremos a nossa excursão, prosseguindo até Belo Horizonte e visitando diversas localidades da Leopoldina e Rede Sul Mineira.

*Benedicto G. do Nascimento.*

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta:

Durante 39 dias fiz 27 palestras e visitei as seguintes cidades: Porto Tibiriçá, Pres. Epitácio, Pres. Wenceslau, Piqueroibi, Santo Anastácio, Ribeirão dos Índios, Pres. Bernardes, A. Machado, Pres. Prudente, Regente Feijó, Assis, Palmital, Salto Grande, Chavantes, Ipaussú, Pirajú, Bernardino de Campos, Cerqueira Cezar, Batista Botelho, Avaré, Botucatú e Piracicaba.



LUIZ GASTIN	
Livre Arbitrio e Determinismo	1.000
L. L. ZAMENHOF	
Essência e futuro da Idéia da	
Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000
LUIZ AUTUORI	
Kardec ou Roustang	6.000
Miserere I — romance	6.000
LEOPOLDO CIRNE	
Antifonário—Senhor do Mundo	15.000
MANOEL ARAO	
O Claustro — romances	7.000
MARIANO R. D'ARAGONA	
A Guerra	1.500
MIGUEL VIVES	
Guia Prático do Espirita	4\$000
MANOEL PIZARRO	
Contradição do Catholicismo e do	
Protestantismo sob o ponto de	
vista do Espiritismo	8.000
NORALDINO DE CASTRO (DR.)	
O Espiritismo é a Religião	5.000
NOGUEIRA DE FARIA	
A Renascença da Alma	5.000
NOEL VARÃO	
Oração de um Crente	4.000
OLIMPIA S. BÉLEM	
Jerusa	6.000
OLIVER LODGE (SIR)	
A Formação do Homem	8\$000
Raymond	7\$000
OSWALDO MELLO	
Epistola aos Espíritas	6\$000
OSMANI EMBOABA (DR.)	
Fenomenologia Mediunica	7\$000
OBRA MEDIUNICA	
Revelação dos Papas	25\$000
OSCAR D'ARGONNEL	
Vozes do Além pelo telefone	3\$000
Não ha Morte	4\$000
PAUL BODIER	
A Granja do Silêncio—romance	7.000
PADRE MARCHAL	
Espírito Consolador	10.000
PIETRO UBALDI	
A Grande Síntese	25.000
PADRE ALTA	
O Cristianismo do Cristo e	
o dos seus vigários	12.000
PHILEMON	
Cartas a meus filhos	5\$000
PAUL GIBIER (DR.)	
Análise das Cousas	6\$000
ROMEU A. CAMARGO	
O Protestantismo e o Espiritis-	
mo á Luz dos Evangelhos	6.000
De Cá e de Lá	3.000
Salvação pela fé ou pelas obras ?	6.000
R. HERMINDO	
História de Catarina	4.000
ROBERT DALE OWEN	
Região em Litigio	10.000

RAMIRO GAMA	
O Sol da Caridade (versos)	5.000
SEBASTIAO CARAMURÚ (DR.)	
Redivivos	9.000
Aos Católicos Apostólicos	
Romanos	5.000
SOUZA DO PRADO	
Padres, Médicos e Espíritas	7\$000
STANTON MOSES	
Ensinos Espiritualistas	8\$000
SPARTACO BANAL	
As sessões praticas do Espiritismo	4.000
SNRA. DE W.	
Aqueles que nos deixam	6.000
VINICIUS	
Nas pégadas do Mestre	8.000
VITOR HUGO	
Der Suprema (2 vol.)	20.000
Na Sombra e na Luz	10\$000
Do Calvario ao Infinito	12\$000
Redenção	10\$000
WILLIAM CROOKES	
Fatos Espíritas	6\$000
ZOEOLNER	
Física Transcendental	6.000
ZILDA GAMA	
Elegias Douradas	2\$000
BIBLIAS	
Biblia em letra grande com	
referências	22.000
Biblia pequena	10\$000
Novo Testamento—capa dura	4\$000
Novo Testamento em letra	
grande	7.000
" " pequeno	3.000
" " Mignon	3.000
Novo Testamento em Esperanto	5\$000

COLLEÇÕES de «Revista Internacional do Espiritismo»

1.º ano	100.000	2.º ano	50.000
3.º "	100.000	4.º "	35.000
5.º "	30.000	6.º "	40.000
7.º "	40.000	8.º "	40.000
9.º "	100.000	10.º "	40.000
11.º "	50.000	11.º "	50.000
13.º "	50.000	14.º "	50.000
15.º "	50.000	16.º "	50.000

Précos e Noções Espíritas	
100 exempl.	50.000
50 exempl.	27.000
1 exempl.	\$600
Encadernado 2.000	
Espiritismo para as crianças	
100 exempl.	50.000
50 exempl.	27.000
1 exemplar	\$600

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10,0/º para registro

Todas estas obras estão á venda na «Livraria de «O CLARIM» — Av. 28 de Agosto, 301 — Matão.











# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Director: José da Costa Filho*

*Redator: Watson Campêlo*

**Redação e Administração**  
**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20\$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25\$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30\$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45\$000

**NUMERO AVULSO 2\$000**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro







